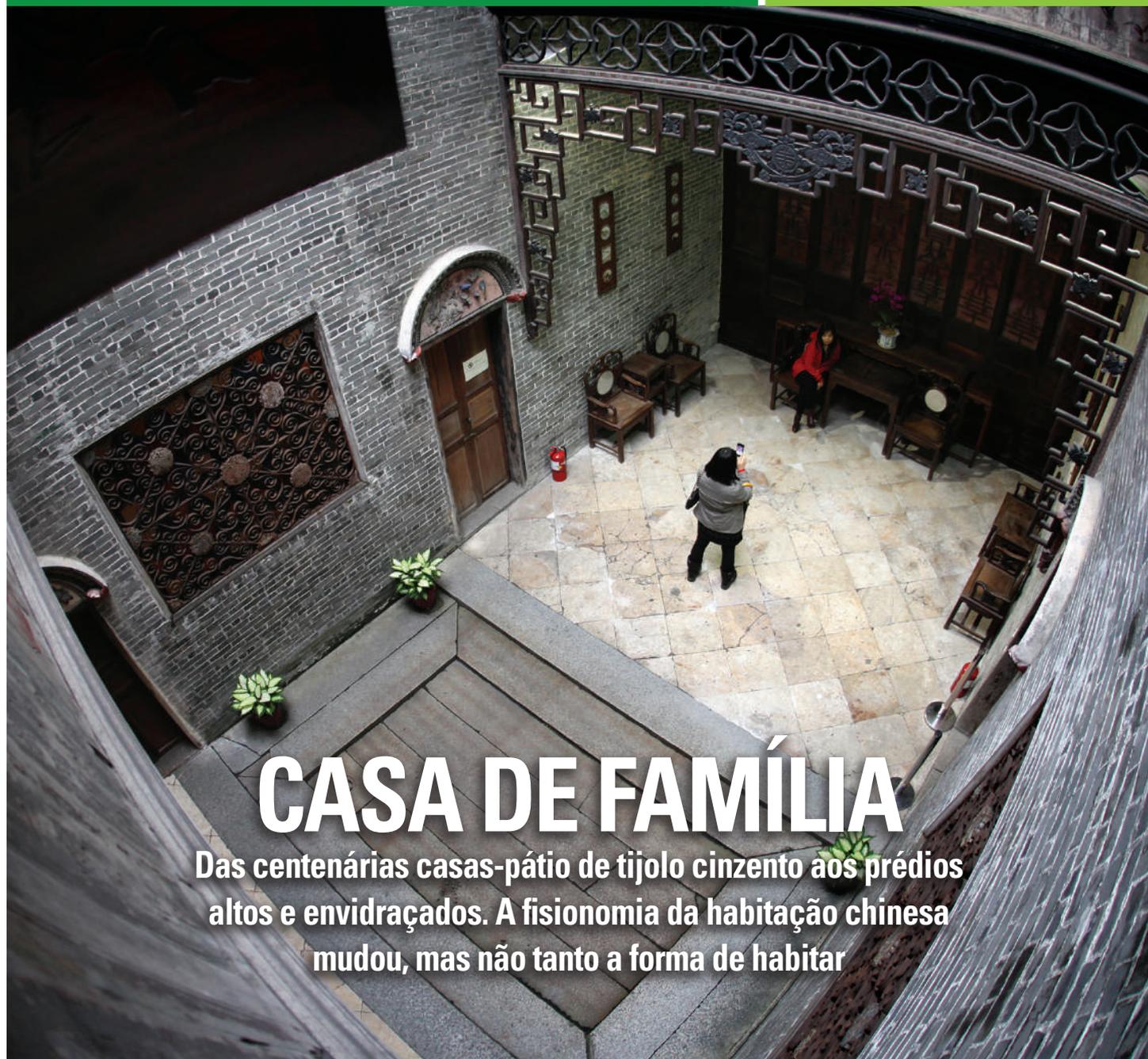


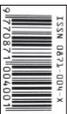
Macau

澳門



CASA DE FAMÍLIA

Das centenárias casas-pátio de tijolo cinzento aos prédios altos e envidraçados. A fisionomia da habitação chinesa mudou, mas não tanto a forma de habitar



ENSINO SUPERIOR
NOVOS CURSOS DE
OLHO NA COOPERAÇÃO



NAM VAN
LAGO GANHA VIDA COM
PROJECTO DE DIVERSIFICAÇÃO





Anim'Arte 雅文湖畔 南灣

NAM
VAN



► 創意 Criatividade

文創商店

Lojas de produtos culturais e criativos

藝墟

Feira de Artesanato

塗鴉創作展示區

Áreas de actuação do graffiti

玩偶製作

Produção de Bonecas

紙藝·布偶製作

Arte de papel e Produção de fantoches

► 休閒 Lazer

水上單車

Gaivotas a pedais

► 餐飲 Restauração

旅遊學院咖啡廊

IFT Café

► 表演 Espectáculo

湖

Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto Au Kam Va

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
Filipa Queiroz, João Paulo Menezes, José Simões Morais,
Luciana Leitão, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira,
Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sofia Jesus

TRADUÇÃO

Nicole Kuong

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal)

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14.º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Desde as casas sobre palafitas de Coloane até às casas-lojas do Porto Interior, passando pela mansão de Lou Kao, integrada no centro histórico da cidade, diversos aspectos da identidade cultural de Macau são abordados num trabalho desenvolvido que publicamos nesta edição, em torno da casa chinesa tradicional de Macau.

O carácter chinês 家 é suficientemente abrangente para poder significar desde “família”, enquanto entidade colectiva, até a “casa” enquanto estrutura física dentro da qual e em torno da qual a família concretiza a sua vivência.

Todas essas casas tradicionais, que retêm a própria história da cidade, preservam ainda hoje a sua identidade, resistindo às mudanças que o tempo vai trazendo.

A tradição do arraial em honra de S. João Baptista, padroeiro de Macau, na visão católica, é abordada num artigo da autoria de Fernando Sales Lopes, que recupera a história subjacente a este evento.

Na vertente da cooperação económica e comercial sino-lusófona, uma entrevista com o embaixador da República Popular da China na Guiné-Bissau dá-nos conta do contributo chinês nesse país africano, ao passo que, no que diz respeito a Macau, no seu papel de plataforma, destacamos o artigo sobre a nova licenciatura do Instituto Politécnico de Macau visando a formação de quadros bilingues. O projecto académico inclui dois planos de estudo, um para alunos de língua materna chinesa e outro para não-falantes de chinês, incluindo um ano de estudo em Portugal ou em Pequim, conforme os casos. A partir de Setembro deste ano a licenciatura contará com alunos de Macau, do Interior da China, do Brasil, de Cabo Verde, de Moçambique e de Portugal.

Além disso, os leitores da MACAU poderão encontrar nas páginas desta edição diversos temas de interesse, na perspectiva da divulgação da cultura chinesa e da cultura específica de Macau e da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa.

Luís Ortet





- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM
- 10 RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 14 “AQUI É O FUTURO DO MUNDO”**
Entrevista com Wang Hua, embaixador da China na Guiné-Bissau
- 18 INVESTIMENTO CHINÊS EM ÁFRICA**
Pequim dá novo impulso às relações com África com a estratégia ‘Uma rota, uma faixa’
- 24 TURISTAS DE NEGÓCIOS**
Empresários que colecionam horas de voos para selar negócios para Macau
- 30 NOVA VIDA NO LAGO NAM VAN**
Gaivotas, lojas, artesanato, concertos e actividades para animar o Verão
- 36 COOPERAÇÃO NO ENSINO**
IPM lança licenciaturas para apoiar relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 40 O CONCEITO DE CASA À CHINESA**
Os diferentes estilos arquitectónicos e as diferentes interpretações do que é uma casa para os chineses

- 56 CINEMATECA PAIXÃO**
Governo investe em projecto para fomentar arte cinematográfica na região
- 62 A LACA CHINESA**
A história dos objectos lacados chineses
- 70 TRADIÇÕES: SÃO JOÃO BAPTISTA**
A homenagem ao padroeiro de Macau
- 76 RETRATOS: O VENDEDOR DE AMENDOINS**
Profissões em risco de extinção
- 78 ÁTRIO: TEATRO HIU KOC**
Visita a uma companhia com 41 anos de vida
- 84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 MEMÓRIAS: PRAIA DO BOM PARTO**
Fonte de inspiração para vários poetas

SEMANA GASTRONÓMICA DE MOÇAMBIQUE DE REGRESSO A MACAU

A 8.ª edição da Semana Gastronómica de Moçambique em Macau realizou-se em Junho e contou mais uma vez com a presença do chef Carlos Graça. “Trouxe matapa, que é folha de mandioca pilada, trouxe mandioca fresca, castanha – aqui também há muita castanha, mas o sabor é diferente –, trouxe amendoim pilado, licores tradicionais, cerveja para utilizarmos em determinados pratos, trouxe peixe seco, piripiris, especiarias. Isto tudo para ser o mais verdadeiro possível do que temos de bom em Moçambique”, disse na ocasião. Ao longo de dez dias foi possível experimentar vários pratos, em buffet de almoço e jantar. Carlos Graça destaca o “cartão-de-visita de Moçambique”: “A matapa, folha de mandioca pisada que leva quatro horas a ser confeccionada, onde se junta amendoim pilado, leite de coco e mariscos, neste caso fiz com camarão ou com caranguejo, e acompanha com xima, que é uma espécie de puré de milho que é habito comer-se em África”. Durante a semana gastronómica, organizada pela Associação dos Amigos de Moçambique, realizou-se ainda um jantar para celebrar o 41.º aniversário da independência do país.





Li Gang deixa Gabinete de Ligação

O director do Gabinete de Ligação do Governo da China em Macau, Li Gang, deixou o cargo que ocupava desde 2013 por motivos de saúde. Li Gang foi substituído por Wang Zhimin, que desempenhava funções de vice-director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado. Wang Zhimin tem 59 anos e é natural da Província de Fujian. Li Gang e Wang Zhimin trabalharam juntos no Gabinete de Ligação do Governo Central em Hong Kong, quando Li ocupava o cargo de vice-director (de 2003 a 2012). Wang ocupava o cargo de vice-secretário-geral e director do departamento da juventude desde 2006.

CHAPAS SÍNICAS NA MEMÓRIA DO MUNDO DA UNESCO

Mais de 3600 documentos oriundos de Macau passaram a integrar o Programa Memória do Mundo da UNESCO na sequência de uma candidatura apresentada em Outubro do ano passado pela RAEM e Portugal. De acordo com a UNESCO, os mais de 3600 documentos que integram a colecção "Chapas Sínicas", propriedade do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal, passaram a integrar a lista do Programa da Memória do Mundo da região Ásia-Pacífico. O Comité do Programa da Memória do Mundo da UNESCO para a Ásia-Pacífico adicionou mais 14 itens ao registo regional do Programa Memória do Mundo. Entre eles estão os arquivos e manuscritos do templo Kong Tac Lam de Macau (1645-1980).



GONÇALO LOBO PINHEIRO



Académico chinês vai dirigir Departamento de Português da UMAC

O Departamento de Português da Universidade de Macau (UM) vai ser, pela primeira vez, dirigido por um académico chinês, o poeta e tradutor Yao Jingming. Yao Jingming, antigo vice-presidente do Instituto Cultural e actual coordenador de mestrados de Tradução da UM, vai substituir a partir de Setembro Fernanda Gil Costa, que ocupa o cargo desde 2012. A saída da antiga directora do departamento de língua e cultura portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa está relacionada com um pedido de licença sabática para se dedicar à investigação. Yao deverá ficar dois anos no cargo de chefia. Esta não é a primeira vez que o departamento de Português da UM é dirigido por um académico cuja língua materna não é o português. Entre 2007 e 2011 o australiano Alan Baxter esteve à frente do departamento. O académico chinês nasceu em 1958 em Pequim, e traduziu autores como Eugénio de Andrade, Ruy Cinatti e Sophia de Mello Breyner Andresen.

NÚMEROS

134

NOVOS PRODUTOS DE MACAU ISENTOS DE DIREITOS ADUANEIROS NAS EXPORTAÇÕES PARA O INTERIOR DA CHINA (TOTAL DE 1.458)

3,25 MILHÕES

PASSAGEIROS REGISTADOS NO PRIMEIRO SEMESTRE NO AEROPORTO DE MACAU (+ 16%)



SANTA CASA ANUNCIA ABERTURA DE NOVA CRECHE EM 2017

A Santa Casa da Misericórdia vai abrir uma nova creche para o ano. O espaço, com capacidade para cerca de 120 crianças, vai localizar-se nas antigas instalações da Cruz Vermelha, na Praia Grande. A abertura tem sido adiada pelo facto do espaço em questão ainda não ter sido disponibilizado pelos ocupantes actuais. Para disponibilizar o número de vagas anunciadas, a direcção da Santa Casa da Misericórdia iniciou a formação de profissionais, que se está a realizar nas instalações da Santa Casa na zona do NAPE.

PRIMEIRA LOJA OFICIAL DA APPLE INAUGURADA NA CIDADE

A Apple abriu a primeira loja oficial em Macau no dia 25 de Junho. O espaço está localizado no Cotai, no centro comercial do Galaxy Macau. À semelhança das outras lojas oficiais, a loja da RAEM tem andares de venda, um Genius Bar e ainda uma área para workshops. Até então, a multinacional norte-americana, liderada por Tim Cook, tinha apenas alguns revendedores autorizados em Macau. Com este novo espaço, a Apple passa a ter 41 lojas na China – quatro localizam-se em Hong Kong.



DSF CRIA SERVIÇO DE CONSULTA DE DÍVIDAS

A população de Macau já pode aceder ao sistema de serviço electrónico da Direcção dos Serviços de Finanças ou utilizar os quiosques com o documento de identificação do tipo “cartão inteligente” para efectuar a consulta dos registos pessoais, incluindo a existência de dívidas relacionadas com impostos ou multas. O novo serviço permite, entre outros, verificar valores de multas aplicadas por incumprimento de legislação rodoviária.

MACAU E CAMBOJA ASSINAM ACORDO NA ÁREA DO TURISMO SUSTENTÁVEL

Macau e o Camboja assinaram um memorando de entendimento sobre a promoção do desenvolvimento do turismo sustentável, principalmente por via da formação, anunciou o Instituto de Formação Turística (IFT) de Macau. Segundo este protocolo, firmado pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau, Alexis Tam, e pelo secretário de Estado do Turismo cambojano, Tith Chantha, a cooperação vai passar pelo reforço do capital humano e da colaboração ao nível do ensino e da formação. A visita oficial da delegação de Macau ao Camboja contou ainda com a presença do vice-presidente da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês e ex-chefe de Executivo, Edmund Ho.



161.880

INSPECÇÕES REALIZADAS PELOS AGENTES DE FISCALIZAÇÃO DE CONTROLO DO TABAGISMO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2016

649.100

POPULAÇÃO DE MACAU NO FINAL DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2016 (+1,3%)

249 MIL

VEÍCULOS EM CIRCULAÇÃO NO FINAL DE MARÇO (+3%)

* comparações referentes ao mesmo período

MÃE DE EDMUND HO MORRE AOS 93 ANOS

Ho Chan Keng, mãe do antigo Chefe do Executivo Edmund Ho, faleceu no dia 17 de Junho no hospital Kiang Wu, segundo um comunicado da Associação Comercial de Macau. Ho tinha 93 anos e morreu na sequência de doença prolongada. Cantora de ópera chinesa, Ho Chan Keng era também esposa de Ho Yin, líder histórico da comunidade chinesa de Macau durante grande parte da segunda metade do século XX. Ho Yin nasceu em 1908, em Panyu, na Província de Guangdong. Empresário bem-sucedido, Ho Yin desempenhou um importante papel de intermediário diplomático entre a República Popular da China e o Estado Novo Português e foi ainda membro da Assembleia Nacional Popular da China, tendo morrido em 1983, aos 75 anos.

EXECUTIVO VAI CRIAR 50 POSTOS DE CARREGAMENTO DE VEÍCULOS ELÉCTRICOS

O Governo da RAEM anunciou que tem planos para instalar mais 50 postos de carregamento de veículos eléctricos em dez parques de estacionamento público até ao final de 2016. Dentro de quatro anos, Macau deverá contar com 200 postos. Com o objectivo de estimular a utilização de energias limpas por parte da população, o Governo está a traçar um plano sobre políticas para a circulação de viaturas e que prevê benefícios fiscais para a utilização de carros eléctricos.



Casal de pandas gigantes nasceu em Macau

Duas crias de panda nasceram na tarde de dia 26 de Junho, uma com 135 gramas e a outra com apenas 53,8 gramas, pelo que teve de ser colocada numa incubadora, em cuidados intensivos. O Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais anunciou dois dias antes a suspeita de que Sam Sam, de nove anos, estivesse grávida, já que apresentava sintomas comuns de gestação, como menos apetite, menos actividade e alterações fisiológicas. Os pandas gigantes passam por um período de gestação entre 83 e 180 dias, mas os primeiros sintomas podem surgir apenas ao fim de 100 dias. A China ofereceu, em 2009, um casal de pandas a Macau, por altura do 10.º aniversário da transferência de administração. Em 2014, a fêmea, Sam Sam, morreu de problemas renais, agravados por ter entrado no período de reprodução. Em Abril do ano passado, chegou a Macau um novo casal de pandas, baptizado com os mesmos nomes, Sam Sam e Hoi Hoi.

LOLA FLORES DO ROSÁRIO É A NOVA DIRECTORA DO JARDIM-DE-INFÂNCIA COSTA NUNES

Lola Flores do Rosário vai dirigir o jardim-de-infância D. José Costa Nunes, de acordo com a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), gestora do estabelecimento. A experiência e domínio de três línguas foram algumas das razões apontadas pela associação. O contrato tem a duração de um ano e pode ser renovado. Lola Flores do Rosário, que sucede a Vera Gonçalves, já tinha ocupado esta função entre 1996 e 2001. A nova responsável iniciou a carreira de educadora de infância em 1982. Oito anos depois, assumiu a direcção do jardim-de-infância luso-chinês Veng Tim, onde esteve até 1996. Em Portugal foi coordenadora do Jardim-de-infância de Olhos de Água, no Algarve, função que acumulou com a de coordenadora do Departamento da Educação Pré-Escolar.



MACAU EM 21.º NO RANKING DE CONVENÇÕES NA ÁSIA-PACÍFICO

A Associação Internacional de Congressos e Convenções (ICCA) atribuiu a Macau o 21.º lugar do ranking das convenções realizadas na região da Ásia-Pacífico. De acordo com o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, a ICCA reconheceu 28 actividades de convenções realizadas na RAEM, mais cinco do que em 2014. Macau ocupava o 34.º lugar em 2013 e o 20.º em 2014. No ranking mundial, Macau ficou em 93.º lugar, em 2015, uma subida de 8 e 63 posições, respectivamente, em relação aos anos de 2014 (101.º lugar) e 2013 (156.º lugar). “Estes resultados demonstram um interesse em Macau de cada vez mais organizadores e participantes de congressos de todo o mundo. Com a progressiva conclusão de instalações de convenções e exposições de grande escala, a indústria de conferências e exposições da RAEM conseguiu registar um desenvolvimento acelerado, sendo cada vez mais as actividades de foro internacional que escolhem Macau como local de realização”, escreve o IPIM.



Air Macau premiada por agências de viagem sul-coreanas

A atribuição dos prémios *Travel Agent Friendly Airline Awards* da Associação de Agentes de Viagem da Coreia (KATA) realizou-se no final do mês passado. A Air Macau foi reconhecida pela associação, recebendo o galardão de empresa com maior potencial. Criados no ano passado, estes prémios têm como objectivo reconhecer as companhias aéreas com mais trabalho desenvolvido em prol de uma boa coordenação com as agências de viagem. Os resultados têm como base o nível de satisfação das agências e qualidade de serviços prestados pelas empresas aéreas em várias vertentes. Nesta segunda edição dos prémios, foram consideradas 82 companhias aéreas asiáticas, europeias e norte-americanas. Ao todo, 123 agências de viagem participaram na votação.

China Nanhai Jiujiang com vitória dupla nos Barcos-Dragão

O grupo China Nanhai Jiujiang alcançou este ano duas vitórias nas Regatas Internacionais de Barcos-Dragão de Macau: nas corridas de 500 metros das categorias “Open” e “Feminina” para Grandes Embarcações. A edição deste ano ficou também marcada pela presença da Selecção de Macau nos pódios destas duas importantes categorias. Na final da categoria “Open” a China Nanhai Jiujiang superou a Selecção Nacional da Tailândia e a Selecção de Macau, que ficaram em segundo e terceiro lugar, respectivamente. Na categoria feminina para Grandes Embarcações, a China Nanhai Jiujiang repetiu a vitória do ano passado, seguindo-se a Selecção de Macau, em segundo lugar, e a equipa da operadora de jogo MGM Macau, na terceira posição. Para a edição de 2016, que decorreu nos dias 4,5 e 9 de Junho no Centro Náutico da Praia Grande, inscreveram-se 146 equipas inscritas nas diversas categorias de grandes e pequenas embarcações.



GONCALO LOBO PINHEIRO



EURO2016 SEGUIDO PELOS ADEPTOS PORTUGUESES EM MACAU

Adeptos das várias selecções que participaram no Campeonato Europeu de Futebol juntaram-se ao longo de um mês em vários locais em Macau para assistir aos jogos do torneio. A selecção portuguesa, vencedora do campeonato, também foi seguida pela comunidade local em vários bares da RAEM e nas instalações do Instituto Português do Oriente. A Teledifusão de Macau transmitiu, em directo, todos os jogos da fase final do Europeu, que arrancou a 10 de Junho e terminou um mês depois. Os jogos foram transmitidos em simultâneo em três canais da estação televisiva: Canal Macau, HD e Canal Desporto.

Macau aposta no sector da locação financeira

Macau tem “potencial e vantagens” para desenvolver o sector da locação financeira. Segundo Glória Batalha Ung, vogal executiva do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), o tema vai ser debatido ainda este ano durante a 5.ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

“A CHINA tem tecnologia, maquinaria em excesso e muitas outras coisas para exportar, e os países de língua portuguesa, especialmente os países africanos, têm grandes necessidades e não têm capital, então nós podemos alugar estes materiais”, diz Glória Batalha Ung, vogal executiva do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), que acredita que Macau tem “potencial e vantagens” para desenvolver o sector da locação financeira (do inglês *leasing*).

De acordo com o IPIM, o enquadramento legal diferenciado, os benefícios fiscais para o negócio da locação financeira, a ligação próxima aos mercados financeiros internacionais, o posicionamento geográfico e o papel de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa são algumas dessas vantagens.

O desenvolvimento deste sector vai ser um dos temas em debate durante a 5.ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que se realiza este ano no mês de Novembro em Macau. Ao longo do evento, o IPIM vai organizar a Conferência dos Empresários e dos Quadros da Área Financeira. “Convidámos especialistas ou profissionais dessa área para virem falar, discutir para nós criarmos este sector. É uma coisa nova”, refere Glória Batalha Ung.

Feira exclusiva em 2017

Em entrevista à MACAU, Glória Batalha diz ainda que, este ano, a 21.ª Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla in-

glesa), que se realiza entre 20 e 23 de Outubro, vai receber pela segunda vez a “Exposição de Produtos e Serviços dos Países de Língua Portuguesa”. O pavilhão vai voltar a contar com empresas provenientes dos países lusófonos, que terão oportunidade de apresentar no local produtos e serviços oriundos daquele universo geográfico.

Portugal será este ano convidado pela primeira vez como país parceiro da edição da MIF. Glória Batalha Ung admite, porém, que a partir de 2017, a “Exposição de Produtos e Serviços dos Países de Língua Portuguesa” vai seguir o próprio caminho, tornando-se numa exposição individual.

“Agora ainda está ligada à MIF porque é uma exposição pequena, mas vai aumentar a dimensão, com mais produtos, mais serviços, mais projectos”, vinca a responsável, sublinhando que o evento, também da responsabilidade do IPIM, deverá realizar-se na mesma altura que a MIF.

Neste novo certame, acrescenta Glória Batalha Ung, vão estar presentes profissionais bilingues de português e chinês para facilitar o contacto entre empresários. “Um empresário chinês que entre num pavilhão para falar com um empresário lusófono depara-se com a barreira linguística, mas poderá recorrer a um profissional bilingue, que vai trabalhar como intérprete ou tradutor”, explica a representante, sublinhando que esta é também uma oportunidade para estes quadros bilingues trabalharem nas relações entre os países de língua portuguesa e a China.

Além de tradutores, estarão ainda presentes no local outros profissionais, nomeadamente consultores da área jurídica. “Por exemplo, quem tem um projecto poderá talvez obter informações sobre a legislação, sobre as tradições, e estes profissionais podem dar aconselhamento para que este projecto avance em determinado país de língua portuguesa”.

Mais áreas de exposição na China

O Centro de Exposição dos Produtos Alimentares de Língua Portuguesa, sob a tutela do IPIM, localizado na Casa de Vidro, na praça do Tap Seac, em Macau, recebeu mais de 4000 visitantes nos primeiros três meses de actividade.

O espaço, com cerca de 390 metros quadrados, abriu as

A PARTIR DE 2017, OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA VÃO GANHAR UMA FEIRA PRÓPRIA. PARA ESTE ANO, JÁ ESTÁ CONFIRMADA A PARTICIPAÇÃO NA MIF

portas no final de Março e tem em exposição 800 produtos de 70 empresas. Inicialmente apresentava sobretudo bens alimentares provenientes de Portugal e do Brasil mas, ao longo destes cinco meses, a origem dos produtos tem vindo a diversificar-se, nota Glória Batalha Ung.

Entre Maio e finais de Agosto, acrescenta a vogal executiva, o IPIM convidou ainda nove empresários e fornecedores locais para vender directamente ao público – ao contrário do que acontece neste centro, onde cada produto está associado a um código QR, que remete o interessado para uma plataforma digital de comercialização.

“Temos aqui registados cerca de 70 empresários, mas a maioria é do exterior. Em Macau temos mais de 20 e escolhemos os maiores para durante três dias por semana porerm os produtos à venda”, refere Gloria Batalha Ung, realçando que uma das empresárias convidadas admitiu ter vendido ao longo deste período produtos no valor de 80 mil patacas.

Este ano foi também criada uma área de exposição no gabinete de ligação do IPIM em Fuzhou, capital da Província de Fujian. De acordo com a responsável, este pequeno expositor tem cerca de 20 produtos alimentares dos países de língua portuguesa. Por aqui já passaram cerca de 100 visitantes.

Glória Batalha Ung garante que o IPIM vai continuar a instalar áreas de exposição dos produtos lusófonos nos vários gabinetes de ligação que tem espalhados pelo Interior da China, nomeadamente nas províncias de Liaoning, Zhejiang, Sichuan e Guangdong. Este ano a instituição vai ainda abrir outro gabinete de ligação em Wuhan, Província de Hubei.

Através da cooperação com associações comerciais, Glória Batalha Ung espera ainda expandir as áreas de exposição a outras cidades do país. Tianjin, Chongqing, Changsha, Haining e Xangai são exemplos apontados pela responsável do IPIM. ■

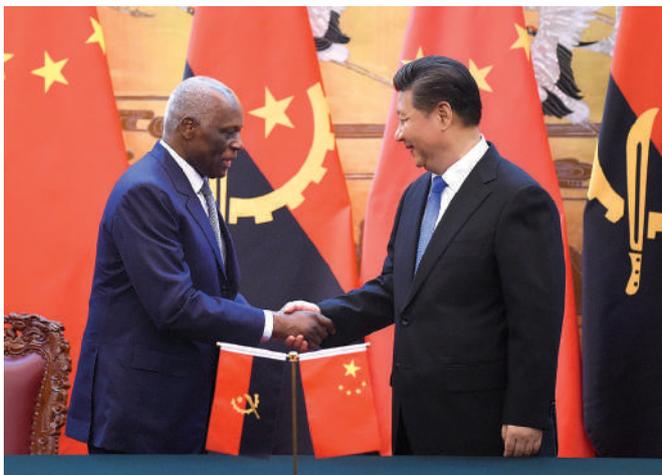


GONÇALO LOBO PINHEIRO



ESPECIALISTA NA AMÉRICA LATINA LIDERA FÓRUM MACAU

Xu Yingzhen, actual conselheira comercial para a América Latina do Ministério do Comércio, vai suceder a Chang Hexi no cargo de secretário-geral do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Licenciada em língua espanhola pela Universidade de Economia e Negócios Internacionais, em Pequim, Xu Yingzhen ingressou no Ministério do Comércio chinês em 1989. A futura secretária-geral do Fórum Macau foi ainda directora-geral adjunta do Gabinete para os Assuntos das Américas e Oceânia, passando ainda pela Câmara do Comércio da China no Chile. O nome de Xu Yingzhen foi anunciado em Junho, durante uma reunião entre o ministro chinês do Comércio, os embaixadores dos países lusófonos acreditados junto do Governo de Pequim e uma delegação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.



ANGOLA NO TOPO DA LISTA DE EMPRÉSTIMOS CHINESES

Dos 86,9 mil milhões de dólares de crédito concedido pela China a África entre 2000 e 2014, Angola recebeu 21,2 mil milhões de dólares, 23 por cento do total, seguindo-se a Etiópia, Sudão, Quênia e República Democrática do Congo. Estes números constam de um estudo do *China Africa Research Initiative*, da universidade norte-americana privada Johns Hopkins. A maior instituição financiadora de Angola foi o Banco de Desenvolvimento da China, seguindo-se o Banco de Exportações e Importações (ExIm) da China. Cerca de 2,5 mil milhões de dólares foram ainda concedidos por outras instituições. O estudo revela ainda que 84 por cento dos empréstimos da China à indústria extractiva africana tiveram como destino a Sonangol, empresa responsável pela administração e exploração do petróleo e gás natural em Angola.



GUANGDONG QUER ATRAIR MAIS CAPITAL LUSÓFONO

O governador de Guangdong, Zhu Xiaodan, que esteve em Macau em finais de Junho, disse que espera que os investimentos dos países de língua portuguesa venham a aumentar naquela província chinesa. Guangdong “dá muita atenção aos países de língua portuguesa, aos investimentos desses países e também aos dos países latinos e dos países africanos”, referiu Zhu Xiaodan, que esteve em Macau para participar na conferência conjunta de cooperação Guangdong-Macau – a primeira realizada desde a aprovação do 13.º Plano Quinquenal (2016-2020) pelo Governo Central. Zhu Xiaodan falou também da Zona de Comércio Livre de Guangdong, um projecto-piloto em estudo e que deverá integrar três áreas: Nansha, em Cantão, Qianhai, em Shenzhen, e a Ilha da Montanha, num total de 116,2 quilómetros quadrados. “Vamos também aproveitar a vantagem de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Mediante a cooperação estreita com Macau, iremos também promover este papel de Macau a um nível diferente”, realçou.

INSTITUTO CONFÚCIO ABRE EM COIMBRA

Foi inaugurado o Instituto Confúcio na Universidade Coimbra (UC), o quarto em território português. Além da divulgação da língua e cultura chinesas, o espaço tem também como objectivo promover a Medicina Tradicional Chinesa, contando com o apoio do governo de Pequim. Para a Embaixada da China em Portugal este é um “passo decisivo” para a promoção da Medicina Tradicional Chinesa no país. “O Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra reúne todas as condições para contribuir para a difusão da língua e cultura chinesas, para a melhoria significativa do conhecimento da Medicina Tradicional Chinesa em Portugal e para a qualificação dos profissionais portugueses que a exercem entre nós, bem como para a formação de todos os interessados em aprofundar as relações entre Portugal e a China”, pode ler-se no comunicado de imprensa da UC. No dia da inauguração, o estabelecimento de ensino universitário promoveu um encontro de Institutos Confúcio dos Países da CPLP para debater o ensino do chinês entre os falantes da língua portuguesa.



ADVOGADOS LOCAIS CRIAM PARCERIA COM ESCRITÓRIOS DA RPC E HONG KONG

A firma Rato, Ling, Lei & Cortés - Advogados juntou-se a uma sociedade jurídica do Interior da China e outra de Hong Kong e constituiu o consórcio ZLF. Trata-se da primeira parceria entre escritórios de advogados das três regiões. O novo escritório, localizado na Ilha da Montanha, abriu portas em Julho. “Queremos servir clientes de Macau, dos países de língua portuguesa e posicionarmo-nos para, no futuro, abrirmos em outros mercados”, explicou à MACAU Pedro Cortés, um dos seis sócios da firma. A Ilha da Montanha é uma zona de comércio livre, situada em território chinês, adjacente a Macau. Em 2014 começou ali a operar a Universidade de Macau, numa área delimitada, sob jurisdição de Macau. Já o novo escritório de advogados, que se localiza por trás da Universidade de Macau, vai situar-se em território da República Popular da China. O escritório vai trabalhar na área do direito bancário, direito financeiro, direito da propriedade industrial e da construção.



EMPRESA LUSA QUER POSICIONAR-SE EM MACAU

A Dois, uma empresa portuguesa ligada à área das tecnologias de informação, esteve em Macau em Julho para fazer uma apresentação da parceria com a gigante chinesa Huawei. De acordo com o responsável pelas Relações Internacionais da Dois, José Silva, a estratégia de expansão da empresa passa agora pela RAEM e outras regiões da Ásia. “O objectivo é vir para Macau, ficar em Macau e a partir de Macau ir para Timor”, disse o responsável à imprensa local, sublinhando que a empresa quer “ao mesmo tempo tentar conquistar um pouco a comunidade chinesa em Macau, desde os casinos, banca, seguros, fornecendo produtos de alta qualidade”. Em Macau, acrescentou o responsável, a Dois “pretende também chamar a atenção de alguns investidores para o projecto que nós temos para os PALOP”. A Dois foi criada em 2009 e actua nas áreas de *datacenter*, *networking*, infraestrutura, segurança, conectividade, colaboração e internet das coisas.



GUINÉ-BISSAU

“Aqui é o futuro do mundo”

A Guiné-Bissau não deve contar apenas com apoio internacional, mas abrir as portas a investidores estrangeiros para reforçar a cooperação bilateral e criar mais emprego, defende Wang Hua, embaixador da China naquele país africano. Num momento em que se vive mais uma crise política em Bissau, o diplomata, em entrevista à MACAU, disse que acredita que as mudanças “frequentes e muito rápidas” dos sucessivos governos têm afectado o ambiente de negócios. Não faltam recursos naturais ao país, mas é necessário saber convertê-los em verdadeira riqueza para o próprio povo, salienta o diplomata chinês

T CATARINA DOMINGUES

A China tem em mãos vários projectos na Guiné-Bissau. Diria que é cada vez mais forte a presença de Pequim em Bissau?

Os últimos projectos, até donativos de medicamentos, resultam de acordos assinados há algum tempo, ou seja, estamos a seguir um programa entre ambos os governos e vamos implementando esses apoios. As áreas prioritárias são três: saúde, agricultura e infra-estruturas. Na área da saúde, construímos dois hospitais na Guiné-Bissau, um deles em 2007/ 2008, em Canchungo, e o outro em 2012, em Bissau. Por isso, mantemos duas equipas médicas em duas cidades da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau é um dos países mais pobres e atrasados do mundo, não simplesmente em África. A saúde é uma área muito precária. A segunda área, como disse, é a agricultura. A Guiné-Bissau era um país

exportador de arroz. Nos últimos anos, sobretudo depois da guerra civil, nos anos 1998, 1999, a agricultura foi muito destruída. Hoje é um país importador de arroz. E como sabe, a China é uma antiga civilização com cultura de arroz. Por isso, mantemos aqui uma equipa de peritos chineses na área da agricultura para formar e preparar os camponeses no uso da tecnologia na cultura de arroz. De acordo com as estatísticas, cada hectare só produz 1,8 tonelada de arroz e uma colheita na época das chuvas. Na China, na Província de Guangdong, ou outras províncias a sul, pode chegar a duas ou três colheitas de arroz por ano. Mas o rendimento de cada hectare na China tem de ultrapassar 10, 11 até 15 toneladas de arroz. E esta equipa de peritos chineses vem da Província de Hubei. Logicamente os peritos têm boas referências. Na área de produção dos peritos chineses produz-se ao ano numa só colheita nove toneladas de arroz. O mesmo sol,





“O DESENVOLVIMENTO DE UM PAÍS NÃO TEM DE CONTAR SIMPLEMENTE COM O APOIO GOVERNAMENTAL, COM OFERTAS GRATUITAS DE OUTROS GOVERNOS. O IMPORTANTE É A COOPERAÇÃO ENTRE EMPRESAS”

a mesma água, a mesma terra, o mesmo clima. Agora os camponeses guineenses, preparados pelos nossos peritos, podem produzir ao ano numa só colheita de um só hectare três ou quatro toneladas. Isso quer dizer que o aumento da produção já é muito evidente. Para este ano vamos alargar o nosso trabalho e apoio a outras regiões da Guiné-Bissau. E o próprio Presidente Mário Vaz já declarou 2016 como o ano do arroz. E, por fim, a área de infra-estruturas. A China construiu e financiou integralmente o novo Palácio da Justiça, em Bissau. A República da Guiné-Bissau já foi estabelecida há 42 anos, mas as dificuldades na área da economia e mudanças muito frequentes e muito rápidas na situação política fazem com que a economia não funcione bem e precise de apoio dos parceiros internacionais. Nessa área, a China tem sido um dos parceiros. Nos últimos anos, temos ajudado a Guiné-Bissau na construção, por exemplo, do Palácio da Justiça, de hospitais, de escolas. Em Janeiro, eu, em nome do Governo chinês, entreguei a chave do Palácio da Justiça ao Presidente Mário Vaz. Aí vai funcionar a Procuradoria-Geral da República, o Supremo Tribunal

de Justiça, o Tribunal de Contas e o Tribunal Superior Administrativo da Guiné-Bissau. Trata-se de um conjunto de quatro edifícios.

O Palácio da Justiça foi integralmente financiado pelo governo chinês. De que forma é que esta relação de cooperação entre Pequim e Bissau beneficia a China?

É um donativo, é um apoio gratuito, porque a Guiné-Bissau precisa de instalações, de edifícios para as suas instituições judiciais. Também porque as duas partes concordaram que tornar os dois países em Estados de Direito é uma tarefa importante. E, por isso, edifícios como o Palácio da Justiça permitirão aos juristas guineenses trabalhar com dignidade. Claro que o seu comportamento será também fiscalizado por todo o povo. Trata-se de boa vontade da parte chinesa, ajudando a Guiné-Bissau a dar dignidade às suas instituições jurídicas.

E o que é que a Guiné-Bissau poderá oferecer à China?

Confiança mútua, isso é importante, uma cooperação mutuamente vantajosa para os nossos investidores e empresários. Não falta vontade política dos empresários chineses, mas existe uma preocupação perante a situação, que não é muito estável. E uma política mais favorável nas condições económicas, financeiras, e verdadeiro apoio do governo. Acho que com essa participação chinesa, há base para uma maior cooperação a nível empresarial, bilateral ou trilateral.

Quanto custaram os projectos nessas três áreas ao governo chinês?

O apoio da nossa parte não procura agradecimentos, não procura benefícios, porque como membro da comunidade internacional, a China deve cumprir os compromissos internacionais, sobretudo para com um país irmão como a Guiné-Bissau, que está a sofrer com a pobreza. Há que combater primeiramente a pobreza e depois implementar a cooperação bilateral, com a massiva participação de empresários e não simplesmente entre dois governos e por via de apoio gratuito. [Deve existir] uma maior cooperação empresarial, sobretudo ao nível do investimento privado para oferecer mais emprego aos nossos povos. Isso será o fundamental.

Além destas áreas que mencionou que mais poderá a China fazer pelo desenvolvimento do país?

Recentemente, por iniciativa da Guiné-Bissau, da parte chinesa e do Fórum para a Cooperação [Económica e Comercial] entre a China e os Países de Língua Portuguesa, com sede em Macau, foi organizado um encontro empresarial entre a China e os países de língua portuguesa. Com tudo isso gostaríamos de deixar uma mensagem bem clara à Guiné-Bissau: que o desenvolvimento de um país não tem de contar simplesmente com o apoio governamental, com ofertas gratuitas de outros governos. O importante é a cooperação entre empresas, o mais importante é abrir as portas do país para convidar empresários estrangeiros, incluindo logicamente chineses e de Macau, de forma a oferecer mais emprego ao próprio povo



e começar uma boa produção baseada nos materiais e recursos naturais que existem na Guiné-Bissau. Isso será mais importante do que qualquer apoio governamental.

Acredita que o apoio do governo é suficiente?

Claro que aqui falta tudo, qualquer apoio não é suficiente. Temos aqui províncias com pessoas a passar fome. Faltam médicos, falta assistência médica. Na China nos últimos 20, 30 anos, o governo organizou a abertura e a reforma para implementar o desenvolvimento. Esperamos também partilhar as nossas experiências com a Guiné-Bissau e esperamos que o país siga o seu próprio caminho de desenvolvimento.

Mencionou o Fórum Macau. Como vê o trabalho desenvolvido por este mecanismo?

O Fórum é muito importante. Na minha opinião, não é simplesmente um palco, uma plataforma ou um canal, mas um pouco de tudo. Para a Guiné-Bissau, por exemplo, o Fórum

“À COMUNIDADE CHINESA NÃO É NUMEROSA. ATÉ HOJE, SÓ EXISTE UM RESTAURANTE CHINÊS. EU DIGO VÁRIAS VEZES AOS MEUS AMIGOS CHINESES QUE UM INDICADOR DAS RELAÇÕES BILATERAIS É O NÚMERO DE CHINESES NUM PAÍS E O NÚMERO DE RESTAURANTES CHINESES NESSE PAÍS”

Macau é uma importante experiência e oportunidade de conhecer o mundo exterior. E Macau nesta área tem boas condições para continuar a desempenhar um papel importante para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, isto é, na abertura, na reforma das suas políticas, na promoção e implementação de uma cooperação mutuamente vantajosa, porque à Guiné-Bissau não faltam recursos. Aqui tem tudo: terra, muito boa terra, mar, no subsolo existem minas. Só falta a experiência de como trabalhar, de como converter estes recursos naturais em verdadeira riqueza para o próprio povo.

Esta relação entre os países de língua portuguesa, Macau e Interior da China tem realmente funcionado?

Com certeza. Ainda estamos no começo, estamos a marcar um primeiro passo. Precisamos de intensificar o trabalho das três partes: do Governo Central da China, do Fórum Macau e da Guiné-Bissau. Claro que agora a Guiné-Bissau está a sofrer dificuldades mais severas. O governo foi demitido recentemente e é necessária uma unidade nacional, um consenso de todas as suas forças políticas vivas, reconstruir a unidade, a paz e estabilidade na Guiné-Bissau. É necessário um pouco mais de tempo.

Como é que a comunidade chinesa na Guiné-Bissau está a viver este momento de crise política?

A parte chinesa não participa nos problemas políticos locais. A comunidade chinesa não é numerosa. Até hoje, só existe um restaurante chinês. Eu digo várias vezes aos meus amigos chineses que um indicador das relações bilaterais é o número de chineses num país e o número de restaurantes chineses nesse país. Apesar de mantermos há muitos anos a cooperação, um entendimento e uma amizade, só existe um restaurante chinês. Isso quer dizer que ainda é necessário melhorar muito as condições para acolher investimento estrangeiro, para convidar comerciantes, investidores chineses para colocarem as suas empresas aqui em Bissau. O nosso caminho ainda é muito longo e é preciso muito esforço conjunto. Nesse mesmo processo, Macau pode desempenhar um papel predominante, porque Macau conhece bem o idioma, a língua portuguesa, a cultura, e pode de-





“NÃO FALTAM RECURSOS NATURAIS, FALTA UMA BOA COOPERAÇÃO. PARA INCREMENTAR A COOPERAÇÃO, A GUINÉ-BISSAU TERÁ DE CONSTRUIR PRIMEIRAMENTE A ESTABILIDADE”

sempenhar um papel fundamental para a cooperação entre a Guiné-Bissau e a China.

Diria então que a crise não tem afectado a comunidade?

Claro que afecta, porque para fazer qualquer negócio é necessária protecção, um ambiente social mais tranquilo, paz, estabilidade e uma política favorável do governo. Falta isso tudo neste momento. Estou cá a trabalhar há menos de três anos, já conheci quatro primeiros-ministros e vou conhecer o quinto. Isto o que é que quer dizer? Que a situação política ainda não é muito estável, a mudança das autoridades é muito rápida e isso não é bom para fazer negócio.

Mesmo o comércio entre a China e os países de língua portuguesa caiu cerca de 23 por cento nos três primeiros meses de 2016 face ao mesmo período do ano anterior. Isso sente-se na Guiné-Bissau?

Na Guiné-Bissau o comércio bilateral está a cair também. Isso é normal, a economia mundial permanece afectada pela crise. Toda a crise económica e financeira ainda não passou.

Há pouco mencionou empresários de Macau. O cônsul honorário da Guiné-Bissau em Macau, John Lo, é um dos empresários da RAEM a investir no país em várias áreas.

Sim, esteve também neste primeiro encontro empresarial. Ele quer promover o comércio e a cooperação entre a Guiné-Bissau e Macau e toda a China. Está a trabalhar nessa área.

Na área do caju..

O caju é também uma das áreas a investir. É uma fonte muito importante que contribui para a riqueza da Guiné-Bissau. Tudo indica que, este ano, a Guiné-Bissau possa exportar 180 mil toneladas, o que vai ser um aumento em comparação com o ano passado.

Conhece outros empresários de Macau que estejam ligados à Guiné-Bissau?

Há poucos, muito poucos.

Em relação ao seu percurso profissional. Esteve ligado à América Latina...

Trabalhei muitos anos como diplomata na América Latina, como por exemplo no Brasil, na República do Peru, no México. Mas esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de trabalhar num país africano.

E qual é o balanço que faz?

Aqui é o futuro do mundo. Aqui tem tudo. Aqui falta uma boa cooperação com o mundo exterior, seja entre a Guiné-Bissau e outros países africanos, seja entre a Guiné-Bissau e países europeus, ou seja entre a Guiné-Bissau e a China ou outros países asiáticos. Não faltam recursos naturais, falta uma boa cooperação. Para incrementar a cooperação, a Guiné-Bissau terá de construir primeiramente a estabilidade. Isso é importante. ■



Uma faixa, uma rota entre a China e os países de língua portuguesa

T PATRÍCIA MAGALHÃES
F XINHUA E ENEIAS RODRIGUES
MACAO MAGAZINE

TARDE DE sábado do dia 16 de Abril. A cidade da Praia está quente. A capital de Cabo Verde descansa de um festival de música que durou uma semana inteira, o Kriol Jazz. Localizado próximo da praça central, do palco avistava-se o porto da cidade. Aqui, mais um evento está prestes a ter lugar.

As pessoas param para ver figuras importantes do panorama político a chegar, incluindo o Presidente da República, o primeiro-ministro, ministros e outros executivos, juntamente com o corpo diplomático que ali reside. Tudo isto é um caleidoscópio visual. Estamos perante um glamoroso tapete vermelho e um edifício colonial, da década de 50 do século passado, mas completamente remodelado, por dentro e por fora. Música de Cesária Évora e todo aquele aparato.

Um membro do corpo diplomático está particularmente satisfeito com a afluência dos representantes chineses. O Governo Central patrocinou este projecto no valor de 11 milhões de dólares norte-americanos. Só assim se explica o glamour desta noite.

Ao mesmo tempo que remodelou o edifício colonial, a cooperação chinesa é ainda responsável pelo realojamento de todas as grandes instituições, incluindo escritórios do Governo e da Assembleia Nacional, bem como a Bi-

biblioteca Nacional, o Estádio Nacional e a icónica Barragem de Poilão.

O Presidente da República de Cabo Verde também se mostra satisfeito com os resultados da recente colaboração. Jorge Carlos Fonseca e o novo Governo cabo-verdiano serão os anfitriões do Encontro Empresarial China/Países de Língua Portuguesa, organizado pelo Fórum Macau e que decorrerá em 2017, e o Chefe de Estado está confiante de que este será um grande evento. “Tivemos uma relação privilegiada com a China desde a nossa independência e, do nosso ponto de vista, isso é muito positivo. Estamos agora a expandir e a diversificar a nossa cooperação económica e financeira. Uma forte ligação do ponto de vista da cooperação económica, comercial e empresarial é importante para tornar esta relação ainda mais dinâmica”, afirmou no seu discurso.

Num esforço para fortalecer as ligações com a China, Jorge Carlos Fonseca fez todos os possíveis para “pessoalmente” participar, em 2015, no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) que decorreu em Joanesburgo, África do Sul, onde se reuniu com o presidente Xi Jinping. O Presidente da República de Cabo Verde revelou que está programada para breve uma visita de Estado à China.

A face dos novos investimentos chineses

Desde há muito que os cabo-verdianos estão habituados aos investidores chineses, já que é de longa data a interacção com comerciantes chineses que vivem nas partes mais remotas das ilhas. Esses empresários, integrados há muito anos em Cabo Verde, até já conseguem falar crioulo com fluência. As pequenas empresas chinesas estão um pouco por toda a parte. Revestem as estradas de todas as ilhas e notam-se bastante na principal rua da Praia que flui a partir do Palácio Presidencial. Contudo, os tempos são outros e os cabo-verdianos deparam-se agora com uma nova geração de investidores chineses, cujos negócios se fazem numa escala diferente.

Um investimento cresce na praia da Gamboa. É o novo casino-resort de Da-

PEQUIM DUPLICOU OS SEUS FINANCIAMENTOS PREVISTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE ÁFRICA NA ÚLTIMA DÉCADA. SÓ ESTE ANO, O APOIO TRIPLICOU. HÁ CADA VEZ MAIS INTERESSE EM AMPLIAR O COMÉRCIO

vid Chow. O cônsul honorário de Cabo Verde em Macau investiu cerca de 250 milhões de dólares norte-americanos no projecto que, não só vai transformar o turismo da capital, como também deverá fornecer um grande impulso para a economia.

Tudo isso está a acontecer num período em que, pela primeira vez em muitos anos, o comércio entre a China e os Países de Língua Portuguesa encontra-se em queda. No entanto, isso, como Gustavo Plácido dos Santos, do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRIS), aponta, não dissuadiu os chineses de investirem em países como Cabo Verde.

No Encontro Empresarial China/

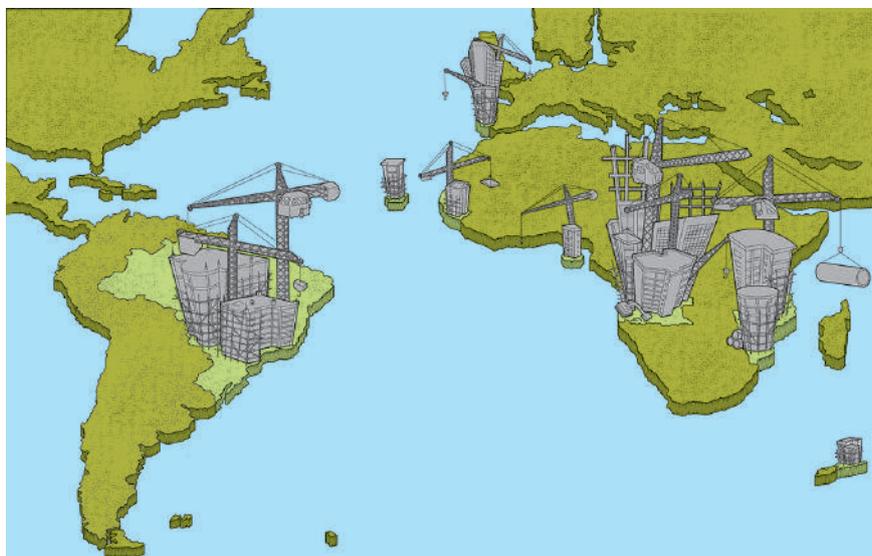
Países de Língua Portuguesa deste ano entre Macau e os Países de Língua Portuguesa que teve lugar na Guiné-Bissau, um total de 11 acordos foram assinados, o que representa um “exemplo de que a China pretende reforçar os seus laços com os países lusófonos e que reconhece a sua importância económica e financeira, bem como significado político e diplomático”, defende Gustavo Plácido dos Santos.

Além disso, os governos da China e da Guiné-Bissau assinaram um acordo conjunto propondo a construção de novas infra-estruturas, indicando que a Guiné-Bissau deverá ser incluída na estratégia chinesa “Uma faixa, uma rota”. Os termos do acordo assinado entre chineses e guineenses prevê a construção de um porto de águas profundas em Buba, o novo Aeroporto Internacional de Bissau, bem como estradas locais e pontes.

A Guiné-Bissau tornar-se-á assim “o elo de ligação entre a China, o Atlântico e a África Ocidental”, aponta o representante do IPRIS.

A nova industrialização

Usando o FOCAC como uma plataforma internacional, a China deixa claro que o continente africano tem o seu total apoio. Prova disso é o facto de Pequim ter duplicado os seus finan-



ciamentos previstos para o desenvolvimento de África na última década. Este ano, no entanto, o apoio triplicou. Além disso, as autoridades mostram-se cada vez mais empenhadas em ampliar o comércio e o investimento de mercadorias, a fim de promover a cooperação industrial e a partilha de competências.

Em Angola, país parceiro de negócios de longa data da China, as autoridades querem aproveitar ao máximo as linhas de crédito que Pequim disponibiliza, no valor de 5,3 mil milhões de dólares norte-americanos. As extensões de crédito têm vindo a tornar-se cada vez mais vitais devido ao recente abrandamento económico de Angola, e esse dinheiro extra será aplicado principalmente em *joint-ventures*. “A confiança é a coisa mais importante no mundo dos negócios e até hoje nem sempre foi um factor presente. A falta de confiança será minimizada com esta reestruturação do crédito. Os nossos parceiros têm a nossa garantia de qualidade, o que significa que, se assim podemos dizer, vai haver casamento entre as partes. Não há desconfiança aqui e isso é fundamental no mundo dos negócios”, atesta Arnaldo Calado, presidente da Câmara de Comércio de Angola e ex-presidente da empresa nacional de diamantes Endiama.

De acordo com Gustavo Plácido dos Santos, há sinais de que a China quer mover algumas das suas indústrias de trabalho intensivo para África e exportar para países como Angola ou Moçambique, por forma a apoiar projectos de infra-estruturas, ajudando a desenvolver habilidades técnicas a nível local. Contudo, adverte que essa intenção poderia esbarrar na actual instabilidade política em países como Moçambique e Guiné-Bissau, bem como pelo abrandamento económico em Angola. Os investimentos chineses noutros países africanos, como a Etiópia e Quênia, acreditam cada vez mais que este é o caminho.

O papel de Macau

Os analistas reconhecem o valor estratégico e diplomático da China ao



Fernanda Ilhéu acredita que a iniciativa ‘Uma faixa, uma rota’ vai gerar novas dinâmicas

investir na comunidade lusófona em África, cujo investimento é facilitado por instituições como o Fórum Macau. Estes países são divididos em áreas regionais distintas de influência e são membros das suas respectivas organizações regionais. Cabo Verde, por exemplo, é um excelente modelo de boa governação, estabilidade política e económica no continente africano.

A geografia dos países de língua portuguesa é por si só um atractivo para a estratégia “Uma faixa, uma rota”, que

pretende conectar a China ao Golfo Pérsico e, por sua vez, ao Mar Mediterrâneo, aponta Gustavo Plácido dos Santos. A contribuição da China para o desenvolvimento de infra-estruturas em África, nomeadamente, a construção de estradas, portos, aeroportos e ferrovias, sugere que a iniciativa poderia, eventualmente, alargar-se à costa leste africana.

São Tomé e Príncipe, local onde está a ser erguido um grande porto de águas profundas com capital chinês é, juntamente com Angola, um ponto crítico no comércio entre o Atlântico, a África e o Índico. Apesar de não ter relações diplomáticas com a China, São Tomé e Príncipe pode ser uma parte importante de toda a engrenagem, permitindo uma aceleração do comércio entre a China e o continente africano.

Fernanda Ilhéu, professora associada do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e autora de várias publicações sobre a relação entre a China e os países de língua portuguesa, acredita que a iniciativa “Uma faixa, uma rota” possa gerar “novas dinâmicas de globalização capazes de transformar o mundo”. A área de influência compreende agora 4,4 biliões de pessoas (cerca de 63 por cento da população mundial) em 65 países e gera cerca de 40 por cento do PIB global.

A académica concorda com Hu Shi-

COM O LANÇAMENTO DA ESTRATÉGIA ‘UMA FAIXA, UMA ROTA’, AS AUTORIDADES CHINESAS ESPERAM IMPULSIONAR O COMÉRCIO COM MAIS DE 40 PAÍSES PARA VALORES NA ORDEM DOS 2,5 TRILIÕES DE DÓLARES NORTE-AMERICANOS NUM ESPAÇO DE DEZ ANOS. DESSE VALOR, UM TRILIÃO É INVESTIMENTO PÚBLICO

sheng, director do Instituto de Relações Internacionais Contemporâneas da China, quando este afirma que a iniciativa não é como o Plano Marshall, mas mais um compromisso mútuo. “Isso significa que os países devem apresentar projectos que se encaixem na iniciativa chinesa, isto é, no espírito daquilo que é a nova Rota Marítima da Seda. Olhando para o mapa, Portugal está incluído no projecto e, obviamente, Macau, bem como, através do Fórum Macau, o Brasil, Angola e todos os outros países de língua portuguesa”, explica Fernanda Ilhéu.

Está no DNA de Macau fomentar as relações com todos os países de expressão portuguesa e, apesar das grandes empresas públicas e privadas não serem obrigadas a passar os seus negócios por Macau, a região terá sempre um papel especial sempre que necessário. A docente do ISEG acredita que Macau deva ter uma posição importante na estratégia “Uma faixa, uma rota”.

Esta nova estratégia comercial da China para o século XXI tenta ser uma resposta às mudanças bruscas na economia mundial, bem como na sua própria economia. Os mercados de matérias-primas não mostram sinais de recuperação e os países produtores de petróleo, em particular, têm sido duramente atingidos com a crise mundial.

Com a estratégia “Uma faixa, uma

rota”, as autoridades chinesas esperam impulsionar o comércio com mais de 40 países para valores na ordem dos 2,5 triliões de dólares norte-americanos num espaço de dez anos. Desse valor, um trilião é investimento público. O governo chinês está particularmente motivado e tem deixado palavras de incentivo às empresas estatais e instituições financeiras, com intuito destas investirem em infra-estruturas e construção no estrangeiro.

“A visão”, diz Fernanda Ilhéu, “é criar uma rede de zonas de comércio livre, isto é, uma forma dos países poderem ligar as suas estratégias de desenvolvimento, somando-se as vantagens competitivas”. Os projectos que estão a ser desenvolvidos “vão depender principalmente das iniciativas que os países escolham em resposta às metas, estruturas de projecto e negociações com o governo chinês. Na verdade, a China vai trabalhar com os países, essencialmente, em projectos bilaterais, mas também multilaterais. As prioridades de cooperação incluirão a coordenação das políticas e do alargamento dos vínculos, do comércio e dos fluxos de investimento, bem como o fortalecimento das relações interpessoais”.

Após o fracasso

Desde a criação do Fórum Macau, em 2003, que o crescimento do comér-

cio entre a China e os países de língua portuguesa tem sido imparável, sendo Brasil e Angola os principais parceiros comerciais da China. Mas a partir de 2014, muito por culpa da queda dos preços das matérias-primas, o comércio começou a abrandar e até chegou a mostrar sinais de preocupação. O valor das importações de petróleo angolano diminuiu drasticamente e o mesmo sucedeu com a soja e o cobre do Brasil.

Angola reagiu rapidamente às dificuldades e neste momento a palavra de ordem é diversificação económica. As autoridades de Luanda têm-se esforçado por manter a confiança dos investidores no país. Um dos impulsionadores do novo paradigma tem sido António Luvualu de Carvalho, renomado académico na área dos assuntos internacionais e embaixador, que tem incansavelmente defendido Angola em Londres, Washington, Lisboa e outras capitais mundiais.

Luvualu de Carvalho sustenta que a abordagem da China aos países de língua portuguesa tem sido “claramente positiva” e mantém uma confiança implacável nessa parceria. “É natural que encontremos alguns aspectos que importa prosseguir, mas acredito muito sinceramente que esta interacção é franca, esta relação entre a China e a lusofonia é de respeito mútuo, onde todos podem ganhar em prol dos seus crescimentos.”

Com uma nova Rota da Seda no horizonte, assim como com o crescimento e diversificação do investimento chinês, António Luvualu de Carvalho acredita que Macau tem um papel importante a desempenhar. “Macau poderia continuar a ser um ponto de referência entre as rotas de comércio no Extremo e Médio Oriente, bem como na costa leste da África. A China, como grande produtor, poderia, certamente, usar esta importante via de exportação de produtos, máquinas, tecnologia, e, claro, construir novas relações culturais, juntando cada vez mais a Grande China ao universo da lusofonia.” ■



António Luvualu de Carvalho defende que a abordagem da China tem sido muito positiva



“AS REGRAS DO PROCESSO NÃO SÃO, DE TODO, DITADAS PELA CHINA”

THOMAS CHAN, presidente da Associação da Rota Marítima da Seda (Macau) e director do Centro de Negócios da China (Universidade Politécnica de Hong Kong)

América, criando um sistema multipolar onde há espaço para a China e outros países poderem desenvolver-se. E esse espaço não pode, nem deve, ser apenas de índole económica e política. Deve ser também social, cultural, onde se dá primazia à troca de ideias. O que se pretende é que cada país seja livre de escolher o seu próprio caminho de desenvolvimento sem a intervenção e impedimento das superpotências.

O que é que a China e os outros países podem ganhar com esta estratégia?

Ganham um espaço aberto e participativo, onde as regras do processo não são, de todo, ditadas pelas China.

Pode Macau desempenhar um papel-chave nesse processo?

Depende apenas de Macau. Se é capaz de aprender, reorientar e reorganizar-se tendo em vista usar a estratégia que vá ao encontro da sua própria transformação e modernização. Macau é um porto livre, mas hoje em dia não tem vantagens no transporte marítimo e comércio terrestre. Na verdade, as suas potenciais vantagens são o apoio do Governo Central, a proximidade e relações com Hong Kong e a sua flexibilidade e abertura. Macau pode tornar-se num *offshore* financeiro, um exemplo na área da educação e do conhecimento, com a ajuda de Pequim. Contudo, tem sempre um papel a desempenhar. É preciso que Macau crie orientações adequadas para o negócio e que o seu regime *offshore* seja devidamente regulado, com acesso gratuito a todos os países que participam nesta estratégia, de onde se destacam a Rússia, o Irão e os países africanos. Macau tem de fomentar um ambiente de aprendizagem intensiva em conhecimento. Deve transformar a infra-estrutura existente para fornecer um menor custo de habitação, uma maior conectividade e acessibilidade para os países de estratégia e melhor qualidade de vida para atrair talentos e empresas. Pode e deve tornar-se um centro de educação para a aprendizagem do conhecimento, com olhos postos nos mercados emergentes. Com esta estratégia, o paradigma do mundo pode mudar, com óbvia abertura à participação de países que têm sido negligenciados pelo mundo desenvolvido ao longo de décadas. Por isso, Macau precisa, acima de tudo, aprender, reeducar, trazer mais talento e inovações para a sua sociedade e atender especificamente as mudanças desencadeadas pela estratégia que o Governo Central criou.

O que a República Popular da China pretende com a iniciativa “Uma faixa, uma rota”?

A China não tem um único caminho de estratégia. Pode ter vários: para corrigir e coordenar projectos de investimento existentes, que não tenham tido o sucesso esperado por conta própria; ou então, para fortalecer projectos de investimento que servissem propósitos específicos. O investimento no Paquistão, por exemplo, e do ponto de vista estratégico, serve para fortalecer a aliança política com aquele país, bem como para ajudar a desenvolver a economia do Paquistão por forma a criar pontes de exportação e investimento chinês e promover as exportações de energia nuclear, termoeléctrica, eólica e solar, bem como de redes de telecomunicações, ou usar a força laboral chinesa na área da construção e indústria. Com o desenvolvimento do Paquistão, a China procura promover, acima de tudo, a paz e o desenvolvimento (naturalmente, porque tem interesses políticos e económicos) na Ásia Ocidental, estendendo-se para o Afeganistão e mais além. Na verdade, a China pretende construir uma conectividade forte na Eurásia e África para servir os seus fins comerciais e de investimento. O seu objectivo final é transformar o mundo por forma a contrariar a hegemonia dos Estados Unidos da

Deverão os países de língua portuguesa serem incluídos na nova Rota da Seda Marítima?

A Rota Marítima da Seda original conectava a China com a Europa e a África, por meio de comércio marítimo. Tanto Portugal como Macau desempenharam papéis importantes e inovadores nos primeiros estágios de negociação da China com a Europa e a África. Naquela altura, junto com o comércio veio a religião, a cultura, a ciência e as artes, bem como as relações interpessoais. Isso trouxe um grande benefício para a humanidade, isto é, a troca de mercadorias, conhecimento e tantas outras coisas incríveis entre pessoas de lugares tão distantes, abrindo caminho para um comércio marítimo mundial tal como temos hoje. A Rota da Seda Marítima do século XXI, no âmbito da iniciativa “Uma faixa, uma rota”, também versa sobre comércio e investimento, engajamento cultural e benefício mútuo. Acima de tudo, trata-se de uma conectividade. Tudo começa com conexões na costa sul da China, em Fuzhou, depois segue para o Sudeste Asiático, continua, e no Oceano Índico chega ao porto de Mombaça perto de Nairobi, no Quênia, antes de se dirigir para o norte no Mar Árábico e para a Europa. No entanto, os líderes chineses têm repetidamente afirmado que a iniciativa é flexível. Por diversas vezes, o ex-embaixador chinês em Lisboa Huang Song Fu incentivou Portugal a participar. Por alguma razão, Portugal é um dos sócios fundadores do Banco Asiático de Investimento em Infra-estrutura (AIIB) que foi criado especificamente para suprir as necessidades de investimento da estratégia lançada. Na mesma linha, quando o Governo de Macau admite o seu envolvimento na iniciativa “Uma faixa, uma rota”, a conexão com os países de língua portuguesa está sempre lá. Por isso, acredito que estes devem fazer parte da estratégia, por forma a que todos possam sair beneficiados.

“A ROTA MARÍTIMA DA SEDA PODE E DEVE, DEFINITIVAMENTE, BENEFICIAR MACAU”

JOSÉ SALES MARQUES, vice-presidente da Associação da Rota Marítima da Seda



Como é que os países de língua portuguesa podem sair beneficiados?

Através da melhoria das suas redes, tanto ao nível regional, como ao nível global. Isso permitiria que os seus produtos pudessem chegar mais rápido ao seus destinos e em melhores condições, o que acabaria por trazer vantagens competitivas. Além disso, a extensão do corredor marítimo de Mombaça para baixo no Oceano Índico geraria novos investimentos em infra-estrutura para a maioria das unidades de atendimento ao longo do caminho, bem como estradas e ferrovias dentro do continente africano, aumentando assim o potencial económico.

Pode o Fórum Macau desempenhar um papel no novo paradigma da Rota Marítima da Seda?

O Fórum Macau promove a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. É conhecido por ser uma plataforma para reforçar amizades, conhecimento mútuo e confiança, trabalhando em conjunto em muitas áreas diferentes, incluindo o comércio e os investimentos, agricultura, educação e formação, bem como, mais recentemente, o intercâmbio cultural. A iniciativa “Uma faixa, uma rota” poderia criar sinergias e concentrar estas vantagens para realizar maiores e melhores objectivos no âmbito das questões económicas, seja o comércio, o investimento ou o fornecimento de bens e serviços. Ligando o Fórum Macau com a iniciativa “Uma faixa, uma rota”, particularmente à sua extensão ao continente africano, seria expectável apostar em projectos que pudessem melhorar a conectividade ou contribuir para a melhoria da rede de estradas, ferrovias e portos, questões primordiais para a nova estratégia conseguir impulsionar as economias dos países de língua portuguesa, beneficiando as pequenas e médias empresas, claro está desde que os governos locais implementem boas práticas e boas políticas por forma a criar incentivos à participação.

Como pode a Rota Marítima da Seda beneficiar Macau?

A Rota Marítima da Seda pode e deve, definitivamente, beneficiar Macau. Contudo, isso vai exigir uma mentalidade mais aberta das empresas locais e um forte senso de empreendedorismo. O processo não pode depender exclusivamente da boa vontade do Governo da RAEM. Porque a iniciativa “Uma faixa, uma rota” abre a porta às novas oportunidades de investimento em áreas que, até agora, não eram prioridade para os investimentos privados e institucionais locais. No entanto, como a economia de Macau continua a desacelerar, essas novas oportunidades de investimento podem aparecer na hora certa. O envolvimento do Fundo do Banco Asiático de Investimento em Infra-estrutura e da própria Rota da Seda fornece garantias extras. Ao mesmo tempo, a estratégia delineada pela China poderia abrir as portas para as pequenas e médias empresas, em particular no sector dos serviços. Tais empresas teriam que ser muito competitivas no mercado internacional, ganhando experiência em lidar com clientes internacionais.



Turista, mas em trabalho

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Entram e saem de Macau várias vezes ao ano, passam centenas de horas sentados num avião e levam o nome do pequeno território estampado numa ou várias malas de viagem. Oliver Lao, Jerry Io e António Pereira são turistas de negócios. Macau começa a dar os primeiros passos neste tipo de turismo, mas as barreiras ainda são muitas

OLIVER LAO, Jerry Io e António Pereira têm uma coisa em comum: por ano, passam centenas de horas dentro de um avião. São os chamados turistas de negócios. Viajam, mas não pelo simples prazer de viajar. Atravessar continentes é, na realidade, o ganha-pão destes empresários.

O desenvolvimento da Internet veio encurtar distâncias e facilitar a comunicação entre parceiros de negócio. Criou um mundo sem fronteiras – pelo menos sem aquelas que dividem nações, e que têm departamentos de imigração, exigem documentos de viagem ou pedidos de vistos. Mas o universo virtual ainda gera desconfiança. Ainda é preciso estar lá quando se fecha um negócio, quando se estudam mercados, quando se sente o toque de uma mala de pele em Phoenix, nos Estados Unidos, ou o aroma de um vinho português em Maputo, capital de Moçambique. Há sentidos que o mundo virtual não consegue despertar.

Falta pouco menos de uma semana para Oliver Lao voltar a partir em viagem. Destino: Alemanha. A directora executiva da Oliver, empresa de Macau fundada em 1988 e que se dedica à importação e venda de malas e acessórios de viagem, vai estar em Frankfurt durante três dias. Precisa de um dia para chegar ao destino e outro para regressar a Macau. “É preciso estar cara-a-cara”, começa por dizer a empresária de 45 anos, que vai visitar uma feira internacional na capital financeira alemã. “Se vou comprar a um determinado país, então é necessário estudar bem os produtos, perceber o que é que se ade-

qua ao mercado de Macau e fazer escolhas e encomendas localmente”, diz.

Oliver Lao tem passaporte português e de Macau, o que facilita a entrada em vários dos mercados onde se movimenta: norte-americano, europeu e chinês. “É muito mais fácil e prático.”

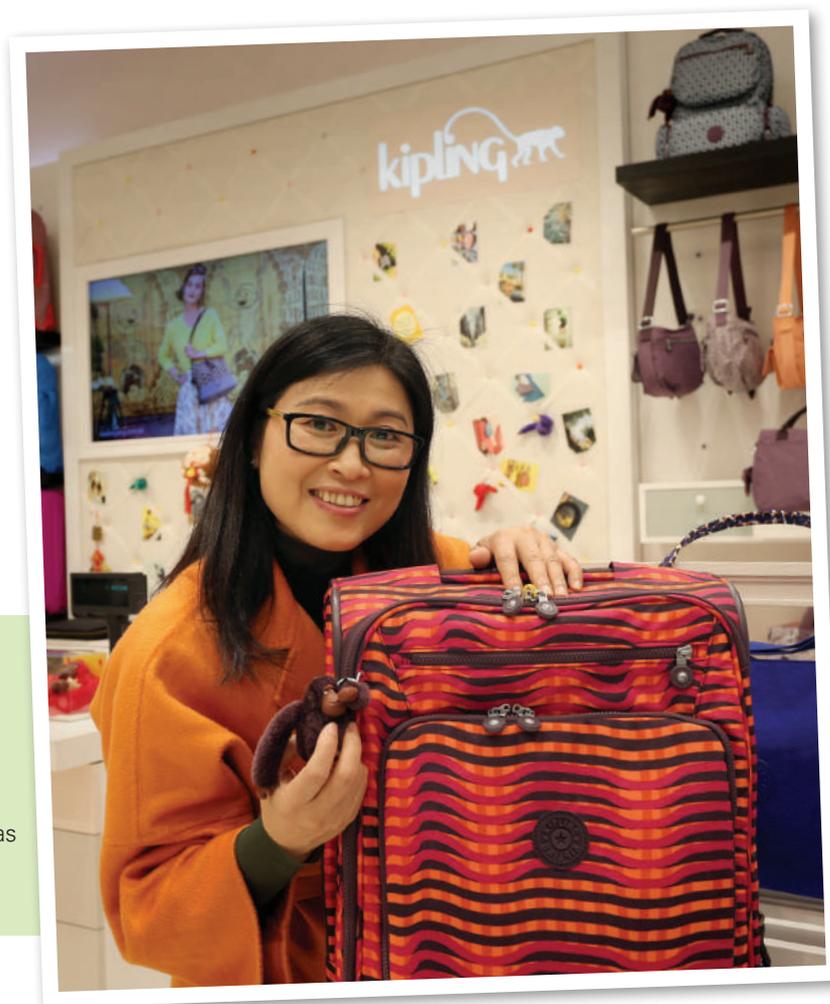
O que por vezes não é fácil, continua a empresária, são ideias e preconceitos que ainda prevalecem no mundo dos negócios. Em vários países “ainda se olha para a Ásia com alguma desconfiança e poucas expectativas”, diz Oliver, realçando, além disso, que “muitas pessoas ainda não atribuem a mesma importância a uma mulher do que a um homem”.

Em Macau, números do centro de pesquisa do Instituto de Formação Turística (IFT) revelam que este é ainda um mundo dominado pelos “homens

de negócios”. De acordo com o estudo “Perfil do visitante de Macau”, apenas 25,5 por cento dos turistas de negócios que entraram no território entre 2011 e 2014 eram mulheres, contrastando com o número total de visitantes, que era na maioria do sexo feminino (57%). Não existem, porém, dados relativos aos turistas de negócios de Macau que viajam para fora em trabalho.

Rede de transportes dificulta circulação

Jerry Io está em Macau à espera da emissão do visto para Moçambique. Calhou ser durante o Ano Novo Chinês e o empresário aproveita os feriados com a família e amigos. Passa mais tempo lá do que cá. Em Macau, onde nasceu e cresceu, permanece apenas



PASSAPORTE

OLIVER LAO

Idade: 45 anos

Lugar de nascimento: R.P.C.

Cargo: Directora Executiva da Oliver

Negócio: Malas e acessórios de viagem

Passaporte: Macau e Portugal

Horas de avião em 2015: cerca de 200 horas

Principais destinos de viagem: Alemanha, Itália, Estados Unidos e R.P.C.

JERRY IO**Idade:** 37 anos**Lugar de nascimento:** Macau**Cargo:** Director-geral da Luso Wines**Negócio:** Vinhos**Passaporte:** Macau e Portugal**Horas de avião em 2015:** cerca de 200 horas**Principais destinos de viagem:**

Moçambique e R.P.C.



uma semana por mês. Quando o visto estiver pronto, Jerry Io volta para Maputo, onde vai ficar cerca de um mês; depois vem a Macau por uns dias e parte em direcção a Cantão e Zhongshan, na Província de Guangdong, para três semanas de trabalho. Para o director-geral da Luso Wine, uma empresa que importa vinho português e vende ao mercado chinês e moçambicano, o ciclo repete-se pelo menos quatro vezes por ano: Macau – Maputo – Interior da China. São cerca de 200 horas anuais sentado no avião, em classe *business*.

“A viagem para a China é muito prática, mas cada vez que preciso de ir Moçambique, tenho de partir de Hong Kong ou de Cantão e voltar a mudar de voo em África”, conta o responsável, que realça que “mesmo a ligação marítima de Macau ao aeroporto de Hong Kong diminuiu [recentemente] a frequência”.

Oliver Lao, que precisa de dois dias de viagem até Phoenix, nos Estados Unidos, refere o mesmo problema. “Quando regresso, às vezes tenho de esperar seis horas pelo barco para Macau.”

Para estes empresários, a complexa rede de transportes que os leva aos países de destino não encurta, mas aumenta distâncias – nem Jerry Io nem Oliver Lao partem para um voo intercontinental a partir do Aeroporto Internacional de Macau, que hoje em dia tem apenas ligações com a Ásia.

Países de língua portuguesa pouco representados

António Pereira viaja no sentido contrário. É director-geral da Trevotech,

uma empresa angolana focada na distribuição e comercialização de maquinaria pesada. Das 15 viagens de trabalho que fez no ano passado para fora de Luanda, quatro tinham como destino Macau.

A China, que visita com frequência, é uma das fornecedoras da Trevotech. Mas esta não foi a razão que fez com que este luso-angolano nascido na Alemanha se posicionasse em Macau. “Angola é um país de risco, com taxas de juros altas, comissões altas para a abertura de cartas de crédito e dificuldade na obtenção de divisas”, conta o empresário, que na RAEM tem acesso a “bancos de primeira linha”, entre outras vantagens, como impostos baixos e uma legislação de matriz portuguesa, que “facilita em termos de contratos”.

Em Macau, onde costuma ficar oito dias, António Pereira veio encontrar uma cidade preparada para o receber “com boa oferta” na hotelaria e restauração. A pagar 25 mil dólares de Hong Kong pelo escritório da empresa, o responsável admite que o custo de vida tem vindo a aumentar, referindo, porém, que “a relação custo-benefício é bastante positiva”.

No universo dos turistas de negócios que procuram Macau, o director-geral da Trevotech pertence a uma minoria: o grupo onde se encontram os empresários dos países de língua portuguesa. De acordo com o estudo do IFT ao perfil dos turistas de negócio, apenas 1,65 por cento dos visitantes vivem fora da Ásia.

O empresário acredita que há ainda muito trabalho a fazer lá fora ao nível da promoção. “Em Angola não se conhece Macau nem os benefícios que existem”.

Efeitos da instabilidade regional

Dados estatísticos apontam também para uma queda da

entrada deste tipo de visitantes em Macau. Se em 2005 os turistas de negócios que viajaram até à RAEM compunham 16 por cento do total de visitantes, no ano passado o valor caiu para 4,95 por cento, revelam números do “Inquérito às Despesas dos Visitantes”, publicado pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC). “O actual ambiente empresarial mantém-se incerto na Grande China, limitando e abrandando muitos projectos empresariais”, nota Ubaldino Couto, professor de Gestão de Eventos do Instituto de Formação Turística.

A crise financeira global, em 2008, poderá, segundo o especialista, ter contribuído para a contracção deste sector. “Provavelmente terá afectado os orçamentos das empresas de todo o mundo destinados ao financiamento das viagens de negócios.”

Também a política de bandeira do Governo Central contra a corrupção e gastos supérfluos de dirigentes políticos poderá ter tido uma influência na queda das receitas destes empresários. Jerry Io, que na China vende vinho português a restaurantes e eventos, admite que com a diminui-

ANTÓNIO PEREIRA**Idade:** 39 anos**Lugar de nascimento:** Alemanha**Cargo:** Director-geral da Trevotech**Negócio:** Maquinaria pesada**Passaporte:** Portugal, Alemanha, Angola**Horas de avião em 2015:** cerca de 300 horas**Principais destinos de viagem:** Macau, Estados Unidos, Médio Oriente, África do Sul e República Democrática do Congo

ção dos jantares sumptuosos regados a álcool, as vendas sofreram quedas.

Um dos eventos mais recentes que contribuiu para a queda das receitas de quem compra lá fora e vende cá dentro foi também a descida do número geral de turistas em Macau – no ano passado, o território recebeu 30,71 milhões de visitantes, menos 2,75 por cento do que em 2014. O decréscimo deve-se, sobretudo, ao recuo de quatro por cento do número de visitantes do Interior do País.

A empresária Oliver Lao, que representa há várias décadas marcas internacionais em Macau, acredita que esta descida dos visitantes se deve em parte à instabilidade política em Hong Kong. A situação, realça, trouxe desconfiança aos investidores e aos turistas em geral. “Em Outubro de 2014

deu-se o movimento *Occupy Central* e nesses primeiros meses que se seguiram as nossas vendas [numa das lojas de um hotel] caíram 50 por cento”.

Criar novos nichos

O turismo de negócios tem várias faces. E o Governo de Macau está decidido a apostar sobretudo numa delas – há dez anos, o sector das convenções e exposições (MICE, na sigla inglesa) foi uma das áreas identificadas como prioritárias pelo Executivo para apoiar a diversificação económica da RAEM. A abertura dos grandes empreendimentos hoteleiros e de jogo, que apostaram na indústria MICE com a organização de

feiras internacionais, contribuiu para dar forma a este projecto.

Mas quem se movimenta dentro destes grandes salões admite que ainda há espaço para melhorias. Oliver Lao diz que Macau está a falhar o alvo. E exemplifica com a Feira Internacional de Macau (MIF), organizada no hotel-casino Venetian: “Estamos a ver pessoas a comprar pequenas coisas, mas temos de atrair os grandes compradores, porque senão a MIF vai funcionar como um simples mercado”.

A empresária sugere ainda um reforço do apoio dado aos compradores. “Em Las Vegas, por exemplo, há ocasiões em que o participante de uma feira tem direito a um ou dois dias de hotel.”

Já o especialista Ubaldino Couto sugere que, numa primeira fase, Macau seja integrado nos eventos das regiões vizinhas, como forma de multiplicar o número de turistas de negócios na região. “Durante uma exposição de uma semana em Hong Kong, podem ser organizados dois dias de actividades em Macau.”

A longo prazo, continua o professor, haverá a necessidade de associar Macau a “eventos maiores e mais importantes”. Ubaldino Couto alerta que seria “mais inteligente” apostar num tipo específico de evento. A exposição aeroespacial Zhuhai Air Show, organizada há 20 anos do outro lado da fronteira, é um bom exemplo, nota. “Zhuhai e esta exposição são sinónimos.” ■

QUEM É QUE VEM A MACAU EM NEGÓCIOS?

O turista de negócios ocupa ainda uma posição tímida (3,41%) entre o fluxo turístico geral. É do sexo masculino, profissional liberal ou detentor de um cargo de gestão de topo, já visitou Macau mais do que uma vez e por cada viagem permanece em média cerca de três dias no território – mais um dia do que o visitante comum. De acordo com o “Estudo ao Perfil do Visitante de Macau”, relativo aos anos 2011-2014, e realizado pelo Centro de Pesquisa de Turismo do Instituto de Formação Turística (IFT), aquele que visita Macau em trabalho chega sobretudo de Hong Kong (39,15%) e do Interior da China (34,2%), em contraste com o visitante comum da RAEM, cuja esmagadora maioria é originária do Interior da China (61,97%). Leonardo Dioko, director do centro de pesquisa do IFT, sublinha: “É interessante constatar que há mais turistas de negócio de Hong Kong e Taiwan e menos do Interior da China do que seria de esperar e que os países do Sudeste Asiático estão a começar a tornar-se numa significativa fonte de turistas de negócios para Macau”.

ESTUDO AO PERFIL DO VISITANTE DE MACAU 2011-2014

TURISTA DE NEGÓCIOS

3,41%
DOS TURISTAS
GERAIS

2,54%/0,87%
HOMEM/
MULHER

0,66%
PRIMEIRA VEZ
EM MACAU

3,27 DIAS
PERMANÊNCIA
MÉDIA

OCUPAÇÃO	TURISTA DE NEGÓCIOS	TURISTA (LAZER/FÉRIAS/OUTROS)
Gestor sénior	33,85%	4,01%
Profissional liberal	35,99%	20,99%
Trabalhador administrativo	14,20%	27,26%
Trabalhador por conta própria	9,73%	11,01%
Estudantes, operários, reformados, desempregados e outros	6,23%	36,73%

LUGAR DE ORIGEM	TURISTA DE NEGÓCIOS	TURISTA (LAZER/FÉRIAS/OUTROS)
Interior da China	34,20%	61,97%
Hong Kong	39,15%	21,69%
Taiwan	14,86%	7,68%
Malásia, Singapura e outros países na Ásia	10,14%	7,49%
Outros	1,65%	1,17%

Nam Van no circuito turístico

T CATARINA DOMINGUES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A zona ribeirinha dos lagos Nam Van ganhou nova vida com passeios de barco, lojas, mercados de rua, exposições e restaurantes. O Anim'arte Nam Van é um projecto do Governo de Macau, com vista a atrair os turistas para outras zonas da cidade e apoiar pequenas empresas e artistas da região







SÃO TRÊS da tarde, o céu está encoberto, a chuva ameaça a cidade. Por um momento, é quase possível esquecer o grupo de prédios altos da Avenida da Praia Grande, que se impõe sobre a zona ribeirinha dos lagos Nam Van. Duas gaivotas de dois lugares (em forma de cisne) e um barco amarelo de quatro lugares circulam na água; uma linha de bóias brancas delimita a área de movimento destes barcos recreativos. Para lá dessa linha estão as pequenas ilhas artificiais dos lagos Nam Van; parecem agora mais próximas, mais reais.

Oito barcos permanecem estacionados nas docas e um grupo de funcionários, vestidos de calções vermelhos, pólo amarelo, vão olhando Nam Van, mantêm-se alerta.

Félix Albuquerque aparece de mão dada ao pai. “Eu gosto mais do barco amarelo, é mais rápido”, diz. Félix tem cinco anos, ainda não pode andar nas gaivotas de dois lugares. “Agora eu vou buscar outras coisas”, continua, em jeito de despedida.

O pai, João Albuquerque, veio aproveitar o dia de folga. Por uma volta de meia hora de barco, pagou 40 patacas. “Faltavam em Macau espaços para as pessoas relaxarem e se divertirem”, refere. Os lugares até existem, sublinha, mas

é necessário reaproveitá-los. “Há muita falta de utilização destes espaços e podiam fazer-se coisas úteis e engraçadas, como aconteceu em Singapura, onde foram construídas praias”.

Irene Cheung, residente em Hong Kong, acompanhou os dois no passeio de barco. “Estou impressionada com a forma como conseguiram planejar esta área, com uma variedade de oferta para as famílias, com cafés e lojas, e que vieram oferecer uma série de oportunidades para a população local”, nota. Irene Cheung, que visita Macau regularmente, sublinha ainda o facto desta iniciativa ter chegado ao centro de Macau. “Em Hong Kong teríamos de ir a um parque temático ou algo maior”, conclui.

Estão mais de 30 graus centígrados, escuta-se um trovão. No centro do lago flutua ainda um cisne branco.

Diversificação turística

Kevin U e Teresa Teng Teng passeiam pela nova livraria que o Instituto Cultural abriu no local. Aqui, os livros circulam gratuitamente, num conceito que pretende fomentar a lei-



tura e a partilha de livros. Kevin e Teresa estão ligados ao Teatro Alternativo Rolling Puppet de Macau, o primeiro grupo de marionetas chinês da cidade. E foi o teatro que os trouxe até Nam Van, contam.

“Um amigo disse-nos que vai abrir aqui um teatro e estávamos a tentar perceber onde é que isso vai acontecer”, diz Teresa. Kevin, o namorado, completa: “Penso que estão a estudar a abertura de um teatro *blackbox* e gostava de perceber qual a dimensão desse espaço”.

De acordo com o Governo, além de teatro, Nam Van será também palco de outros espectáculos, que vão incluir concertos de fado e de jazz.

Para já, nesta fase inicial, o novo espaço Anim’arte Nam Van tem à disposição uma feira de artesanato, lojas de produtos culturais e criativos e salas de exposições. Um café gerido pelo Instituto de Formação Turística encontra-se em funcionamento temporário até 2017 e serve como local de estágio e formação dos estudantes daquele estabelecimento de ensino.

A MACAU visitou esta nova área recreativa quatro dias depois da inauguração. A 3 de Junho, dia em que foi lançado

o espaço, Alexis Tam, secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, referiu que, para transformar Macau num centro mundial de turismo e lazer, a indústria turística da cidade precisa de seguir um desenvolvimento diversificado.

“Isto ainda é o início, mas esperamos que haja muito mais coisas neste local, não apenas artesanato, mas ainda mais restaurantes e lojas”, conclui Kevin U.

Promover Nam Van entre os locais

Julia Zhu chegou de Cantão, na mala trouxe uma colecção de peças de bijuteria. São colares, anéis, pulseiras feitas à mão, adornadas com pedras, e que estão em exposição na feira do artesanato, instalada no local. Directora da marca Beautiful Dreamer, Julia Zhu fala na necessidade de maior promoção entre a população local. “É um bom local para apresentarmos os nossos produtos, mas ainda se vêem poucas pessoas, talvez porque esteja na fase inicial”, vinca.

Na banca ao lado, Leon Liao, também de Cantão, vende capas de telemóvel. São produtos criados pela UFO, a pequena marca que gere.



○ NOVO ESPAÇO TEM À DISPOSIÇÃO UMA FEIRA DE ARTESANATO, LOJAS DE PRODUTOS CULTURAIS E CRIATIVOS, SALAS DE EXPOSIÇÕES E UM CAFÉ GERIDO PELO INSTITUTO DE FORMAÇÃO TURÍSTICA

Estes dois pequenos empresários do Interior da China estão em Macau por uma semana. A participação na feira foi parcialmente subsidiada pelo Governo da RAEM, que se responsabilizou pelo pagamento do alojamento.

“É um bom começo para Macau e é uma forma de apoiar artesãos, que podem promover aqui produtos e ideias criativas”, reforça Leon.

Danda Leong, de Macau, é responsável pela Merry Go Round, uma plataforma online de artigos *vintage*. Aqui, nesta feira, os clientes podem ver com os próprios olhos os produtos, admite Danda. “Temos uma loja online e geralmente os clientes não têm contacto directo com os artigos”, refere a empresária, admitindo que os preços altos do imobiliário não permitem o arrendamento de um espaço físico em Macau.

Dar voz às minorias

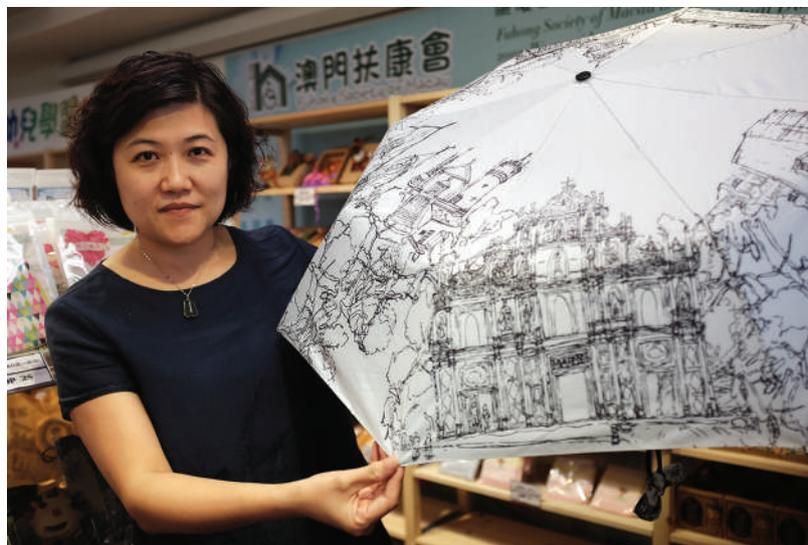
A partilhar a Oficina dos Sorrisos com a Cáritas Macau, a Associação de Reabilitação Fuhong abriu na zona Anim’arte Nam Vam mais um centro de apoio a pessoas com deficiências e distúrbios mentais. O espaço, cedido pelo Governo, vai estar aberto ao longo de um ano a título experimental.

Segundo Jennifer Chau, directora desta organização sem fins lucrativos, a ideia é dar maior visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelos elementos da associação. “Tínhamos uma série de produtos feitos por estas pessoas, mas não havia um canal de venda”, diz a responsável pela Associação de Reabilitação Fuhong que acompanha desde 2003 perto de 300 portadores de deficiências.

Jennifer Chau pega num guarda-chuva; no tecido estão desenhados alguns dos monumentos mais emblemáticos de Macau: o edifício dos correios, o Mercado Vermelho e as Ruínas de São Paulo são alguns deles. Leong Ieng Wai, um jovem com desordens do espectro autista, é o autor de muitos dos artigos que estão à venda no local. Leong é também conhecido por “0.38”, nome que se refere à espessura da caneta que utiliza para desenhar.

“Ele tem muitas dificuldades no discurso, mas um dia descobrimos no nosso abrigo desenhos em papéis amachucados e então tentámos perceber de quem eram”, revela.

Hoje, terça-feira, é dia de folga, mas ao longo da semana quem aqui aparecer pode encontrar a trabalhar dois elementos desta associação. “É uma forma destas pessoas encararem o público e comunicarem com ele”, refere a directora. ■





Formação de quadros bilingues “a pensar na identidade de Macau”

Nova licenciatura do Instituto Politécnico de Macau em língua chinesa pretende formar quadros bilingues e foi desenhada a pensar na identidade da região, que tem uma “natural vocação” para ser ponte entre a China e os países de língua portuguesa

A FORMAÇÃO de quadros bilingues para “responder às necessidades de qualificação dos recursos humanos da RAEM” é, segundo Luciano Almeida, director da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau (IPM), o principal objectivo da nova licenciatura em Ensino de Língua Chinesa como Língua Estrangeira.

O curso de quatro anos, que arranca já em Setembro deste ano com duas turmas, cada uma com cerca de 25 alunos, tem dois planos de estudo: dirige-se, por um lado, a alunos de língua materna chinesa e, por outro, a não falantes de chinês.

A ideia é que o primeiro grupo de estudantes adquira conhecimentos das línguas e culturas dos países de língua portuguesa. No segundo ano da licenciatura, estes alunos deverão rumar a Portugal para um ano de imersão linguística numa instituição de ensino superior no país. Já o plano de estudos para aqueles que não falam chinês tem como estrutura principal o ensino e aprendizagem da língua e cultura chinesas. É em Pequim que vão passar o segundo ano da faculdade.

Dentro de cada um dos planos de estudo, existem ainda duas opções: o estudo da língua e cultura e a formação de professores de língua chinesa, que deverão ficar aptos a leccionar o mandarim em Macau, no Interior da China ou em qualquer outra parte do mundo. Por esta mesma razão, o IPM aposta também no inglês enquanto língua de trabalho.

“Trata-se de uma licenciatura concebida numa lógica de mobilidade internacional”, refere Luciano Almeida, que acredita que as perspectivas profissionais são “excelentes”.

Para o primeiro ano deste curso, estão inscritos alunos de Macau, Interior da China, Portugal, Brasil, Cabo Verde e Moçambique. Ministrada por professores do IPM, a nova licenciatura pretende também que os licenciados regres-

sem aos países de origem e “sejam aí o embrião da expansão do ensino da língua e cultura chinesas e mediadores das relações comerciais entre as empresas dos seus países e as empresas chinesas”.

Localizar ensino superior

Apesar do mandarim ser uma das línguas veiculares – além do português e inglês – Luciano Almeida sublinha que, “tendo em conta a realidade local”, vão ser incluídas algumas disciplinas em cantonês.

O responsável diz ainda que este foi um curso desenhado a pensar no papel e identidade de Macau, que tem a “natural vocação” para ser uma ponte entre a China e os países de língua portuguesa. “Ou se quisermos entre a China e os paí-



GONCALO LOBO PINHEIRO

O CURSO DE QUATRO ANOS, QUE ARRANCA JÁ EM SETEMBRO DESTE ANO COM DUAS TURMAS, CADA UMA COM CERCA DE 25 ALUNOS, TEM DOIS PLANOS DE ESTUDO: DIRIGE-SE, POR UM LADO, A ALUNOS DE LÍNGUA MATERNA CHINESA E, POR OUTRO, A NÃO FALANTES DE CHINÊS

ses latinos, considerando aqui os [países] de língua portuguesa e espanhola”, acrescenta.

As vantagens desta formação para a RAEM são “evidentes”, na medida em que “consolidará Macau como plataforma entre a China e os países lusófonos”.

Luciano Almeida, também professor catedrático convidado da Universidade de Línguas e Cultura de Pequim, acredita que, muito frequentemente, a “identidade de Macau” não é pensada ao nível do ensino terciário local. São adoptadas experiências que os professores tiveram no estrangeiro, em países como os Estados Unidos, Austrália ou Reino Unido, refere. “Essas experiências são importantes, enquanto contributo para aumentar a qualidade do ensino superior em Macau, mas não podem ser importadas e implementadas directamente sem ter em conta a identidade de Macau, devem contribuir para o reforço da qualidade, mas não podem pretender, consciente ou inconscientemente, alterar a identidade de Macau”, explica.

Plataforma não é “responsabilidade exclusiva do Governo”

Na formação de profissionais que poderão encurtar a distância entre a China e os países de língua portuguesa e promover o papel de Macau como plataforma entre estes dois pólos, o IPM lançou já no ano passado a licenciatura em Relações Comerciais China-Países Lusófonos.

PARA O PRIMEIRO ANO DESTA FORMAÇÃO, ESTÃO INSCRITOS ALUNOS DE MACAU, INTERIOR DA CHINA, PORTUGAL, BRASIL, CABO VERDE E MOÇAMBIQUE

Luciano Almeida acredita que Macau pode, de facto, desempenhar o papel de plataforma entre a China e a lusofonia, sublinhando, porém, que esse trabalho não é da “responsabilidade exclusiva do Governo”. Depende também de quem está no terreno, sejam instituições de ensino superior ou os “demais actores económicos e sociais”, assinala o director da Escola Superior de Línguas e Tradução do IPM.

“O discurso dominante na sociedade civil e dos *opinion makers* é um discurso estranho, como que se o que faltasse fazer fosse da responsabilidade exclusiva do governo”, indica o responsável.

“Eu creio que a pergunta que se impõe a cada um de nós formular é ‘em que é que eu posso contribuir?’, abandonando o papel de terceiro, um terceiro que se alheia da questão e se assume como mero espectador-perguntador.” ■





中國－葡語國家經貿合作及人才信息網

Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa



www.platformchinapl.pmo

平台網站現已開通
O portal já se encontra disponível



微信 WECHAT: platformchinapl



取閱透過社交平台關注我們
SEJA BEM-VINDO A UTILIZAR AS PLATAFORMAS
SOCIAIS PARA NOS SEGUIR

一個經貿人才信息 **共享平台** · 共創中國及葡語系國家市場商機
Uma Plataforma de Partilha de Informação Económica, Comercial e Recursos Humanos,
juntando Esforços na Criação de Oportunidades de Negócios nos Mercados da China e dos
Países de Língua Portuguesa.

中葡經貿合作 會展中心

Centro de Convenções e
Exposições para a Cooperação
Económica e Comercial entre a
China e os Países de Língua
Portuguesa

葡語國家食品集散中心 網上貿易平台

Plataforma de Comércio
Electrónico Online para o
Centro de Distribuição de
Produtos Alimentares
dos Países de Língua Portuguesa

中葡中小企業商貿服務中心

Centro de Serviços Comerciais
para as Pequenas e Médias
Empresas da China e dos Países
de Língua Portuguesa

主辦單位
Entidades Organizadoras

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位
Entidade Coordenadora


澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



É uma casa chinesa, com certeza

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Das centenárias casas-pátio de tijolo cinzento aos prédios altos e envidraçados. A fisionomia da habitação chinesa mudou. Não tanto a forma de habitar

Coloane. De uma varanda sobre estacas, virada para o rio, vê-se um homem a preparar o peixe para o almoço; no Porto Interior, num pátio velho e iluminado, uma criança pedala num triciclo entre estendais de roupa e fogões improvisados; ali perto, uma família mantém na casa onde vive um negócio de materiais eléctricos e sementes. A MACAU foi conhecer alguns dos antigos exemplares da habitação chinesa local. São poucos os que resistem ao desenvolvimento urbano



• BARCOS SOBRE PALAFITAS

A imagem de Ah Leung, 60 anos, chapéu e abanador de palha, a preparar peixe seco salgado ao meio-dia de uma sexta-feira, não encaixa na Macau de néones multicores, casinos, cadeias hoteleiras internacionais, prédios que crescem em altura. Neste pátio, em Coloane, a roupa estende-se pelos cantos do quintal, escadotes de madeira e baldes de plástico permanecem amontoados por aí, um cão chamado Ah B ladra na casa ao lado. Pouco terá mudado nas últimas décadas na vida destas casas sobre palafitas. Lá ao fundo sim, do outro lado da margem do rio, na Ilha da Montanha. Novos blocos residenciais ocupam a base da montanha;

depois há um hotel gigante que mais parece um castelo.

Ah Leung não trocava isto por nada. E não é que tenha alguma coisa para trocar. Ao contrário de alguns dos vizinhos, esta é a única casa que tem. «Quero viver aqui para sempre», afirma. Dos prédios que se constroem hoje, diz ainda, entram e saem demasiadas pessoas pela mesma porta. «Esta é a minha casa de família, temos qualidade de ar, temos paisagem.»

Erguida pela família há 60 ou 70 anos – Ah Leung não consegue precisar – a casa, com dois quartos, foi construída em várias fases. A estrutura principal era de madeira, mas com o tempo foi revestida a chapa ondulada de zinco, agora manchada a ferrugem, tinta branca.

Aqui viveram pelo menos sete pessoas, algumas casaram-se e saíram. Ah Leung casou-se, não teve filhos. Estranha quando lhe pergunto onde dormiam todos. “Na sala ou no mesmo quarto, éramos da mesma família”, diz, sem nunca tirar os olhos do peixe.

A mulher, leok Mei Cheng, aparece por um momento no pátio, traz vestida uma t-shirt, calças de pijama. Na mão, tem um frasco de repelente para as melgas. Está um dia de sol, mais de 30 graus, sentem-se mosquitos no ar, uma borboleta mantém-se suspensa por cima de Ah Leung.

Como a maior parte daqueles que habitam as casas sobre palafitas, a família de Ah Leung vivia do mar. O pai, de Yangjiang, Província de Guangdong, fugiu da guerra com o Japão nos anos 1930.



Em Macau, dividia-se entre trabalhos de pedreiro e a construção naval. Ah Leung ajudou o pai desde pequeno.

Quem veio literalmente do mar foi Ip Kam Fa, a vizinha do 26 da Rua dos Navegantes. Até aos 15 anos viveu com a família num barco. “Acabámos por vir para terra por causa dos tufoes”, recorda.

Sentamo-nos numa varanda que olha o rio. Na mesa de plástico está um bule de chá, uma colher de alumínio, um pano sujo. Ip Kam Fa tem 48 anos, vive com dois irmãos, tem um trabalho a *part-time*. “Não foi difícil deixar o barco?”, pergunto. “Não, já passávamos o tempo em terra, só voltávamos ao barco para dormir”, responde.

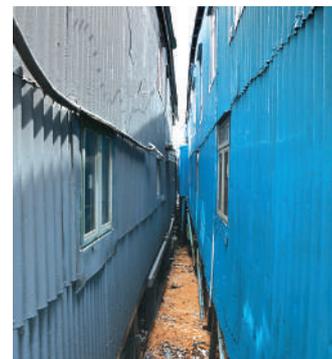
Nesta casa de dois quartos, várias divisões espalham-se ao ar livre –

PALAFITAS

As primeiras casas sobre as palafitas em Macau datam do século XVI e foram construídas pela diáspora chinesa. “São o tipo de habitações dos pescadores do Sul da China”, nota o historiador da Universidade de Macau Vincent Ho, referindo que “por não terem suposto direito de propriedade, os pescadores mantinham-se sempre à margem do terreno”.

Nuno Soares, arquitecto e urbanista a trabalhar em Macau, nota que as palafitas são “uma evolução” da habitação nos barcos. “O pé direito, a largura, a técnica com que eram construídas é muito próxima da construção naval”, salienta. “Tem uma varanda virada para o rio, como os barcos têm uma varanda na parte posterior, tem dois pisos e umas escadas de barco íngremes.”

Inicialmente construídas de madeira, estas casas foram sendo revestidas a outros materiais. Ainda há poucas décadas, existiam casas sobre palafitas em várias zonas da cidade. Hoje, restam apenas duas dezenas de exemplares em Coloane – algumas abandonadas – localizadas ao longo de 300 metros entre a vila e a Ponte Cais. O futuro destas estruturas e dos habitantes está neste momento em suspenso. O Governo de Macau tem planos para renovar esta zona da cidade, transformando-a numa área turística. A criação de um museu de palafitas é um dos projectos do Executivo.





numa delas um dos irmãos dorme a sesta, noutra vê-se um pouco de tudo: um fogão de dois bicos, óleos e enlatados amontoados; na parede está pendurado um calendário da PSP, diz “perseverança”. Ah B continua de um lado para o outro, procura atenção.

“Estamos constantemente a fazer obras, os tufões atacam sempre qualquer coisa”, continua Ip Kam Fa. Entretanto Ah B já está ao colo da dona. “Mas gosto de viver aqui, é muito confortável.”

Choi Kin, a vizinha do lado de lá, anda sempre por aí. Vive do outro lado do pátio de Ah Leung. Vestida de preto, chinelos cor-de-rosa da Hello Kitty, Choi Kin diz que tem 80 anos, já não sabe bem. “Só vou para a casa dos meus filhos, na Taipa, quando vêm tufões”, admite. “Gosto mais disto.”

A casa onde vive, verde e de madeira, está de portas abertas. Logo à entrada, no pequeno quarto onde dorme, tem uma cama singular, desfeita;

uma ventoinha está apontada para o colchão.

Atravessar o corredor até à pequena varanda é quase como fazer o caminho para o mar. Tábuas velhas de madeira separam o chão do areal e são necessários poucos metros até à varanda, onde é possível ver Ah Leung, ainda a preparar o peixe. “O Governo quer fazer obras de melhoria aqui e já se reuniu connosco em 2014, mas por enquanto não há novidades”, diz o homem. Ah Leung tem medo, não quer ir embora.



CASA-PÁTIO

A casa-pátio corresponde a uma unidade de vizinhança: um grupo de casas viradas para um espaço aberto comum. Podem encontrar-se alguns exemplares em Macau: o Pátio da Claridade, o Pátio das Seis Casas e o Pátio da Eterna Felicidade são alguns deles.

Construídas sobretudo no século XIX no antigo bazar chinês, são prevalentes na zona do Porto Interior. Compostas por dois andares, estas casas foram construídas com técnicas tradicionais chinesas: paredes estruturais de alvenaria, telhados inclinados, pé-direito alto. “Do ponto de vista morfológico, de organização social e da vivência são muito específicas e muito diferentes daquilo que podemos chamar as residências da comunidade portuguesa ou católica de Macau”, aponta o arquitecto Nuno Soares, que defende a preservação destas estruturas “ameaçadas”. “[O pátio] é um espaço público, aberto aos elementos, que funciona como uma continuação da casa”, explica ainda o também coordenador do documento *Revitalização do Património Vernacular de Macau*, publicado em 2014. Esta tipologia pátio, continua, “faz sentido numa área densa” como Macau: “É um elemento de flexibilização do espaço e há várias actividades que fazem mais sentido serem feitas ao ar livre num contexto semitropical como o de Macau”.

• VIVER AO AR LIVRE

“ESTE É o primeiro canal de água deste pátio”, diz um homem ao passar de mota. Aponta para uma velha parede, várias camadas de tinta branca não disfarçam as primeiras canalizações que trouxeram água ao Pátio da Claridade, nos anos 1960. “Antes disso ia buscar-se água ao poço e era aí que se lavava a roupa e onde se ficava a conversar”, diz Sofia Mak, funcionária pública e moradora deste pátio, na zona do Porto Interior.

O homem que passou de mota era o irmão. Vivem os dois no 8.º D desde que nasceram. A mãe mudou-se para esta casa quando tinha apenas sete anos.

A vizinha do lado é Lam Ut Ngo, professora de artes na Escola Madalena de Canossa, no bairro do Fai Chi Kei. Mantém a porta principal aberta, apenas a grade de protecção separa-nos do interior. Lam está sentada à secretária a trabalhar; uma estante de madeira clara, com revistas e livros arrumados ao monte, divide o escritório da sala de estar. Outros mil objectos estão espalhados pelo espaço. A sala, com um pé direito invulgarmente alto, está ligada a um sótão por umas escadas metálicas. Em breve, Lam vai juntar-se cá fora à conversa, mantém quase sempre um pé dentro do espaço onde vive.

Sofia e Lam conhecem-se desde pequenas. Os pais costumavam estar aqui fora sentados à conversa. “Ainda se mantêm velhos hábitos, já nos prédios altos, os vizinhos não se conhecem”, afirma Sofia. “Saímos à rua e temos a sensação de que o pátio é nosso”, completa Lam.

Quem entra neste pátio pela Travessa da Assunção encontra um colchão de casal encostado à esquerda, numa parede. Máquinas de lavar roupa, estendais, fogões, armários com peças de automóveis, plantas e alguidares ocupam o caminho. São quase cinco da tarde, uma criança sai à rua de triciclo, uma mulher mata moscas com uma espécie de raqueta eléctrica, são vários os moradores que chegam a casa do trabalho. Se algumas

das casas mantêm as portas abertas, outras foram fechadas para sempre. As paredes perderam a cor, estão marcadas pela humidade, manchadas de tinta, sujidade.

O Pátio da Claridade é formado por dois blocos – ao todo são 48 casas tijolo cinza, construídas em alturas diferentes e que, por isso, têm características diferentes. Do ponto de vista arquitectónico, junta elementos chineses com outros de influência europeia.

A casa de Lam apresenta a tipologia mais simples do Pátio da Claridade. Tem pouco mais de 40 metros quadrados, no piso de baixo existe uma sala, uma casa de banho e uma cozinha ao lado de um pequeno pátio interior. Na parte de cima, um sótão.

“Antigamente podiam viver aqui três ou quatro famílias, foram chegando muitas pessoas do Interior da China, o espaço era muito apertado para tanta gente”, recorda Lam. Na casa onde hoje vive sozinha chegou a dormir uma família no sótão e outra no rés-



-do-chão. “Neste andar, os meus pais dormiam numa cama, os filhos noutra e em baixo das escadas havia uma cama para a minha avó.”

Esta casa, a única onde Lam Ut Ngo viveu, é herança que guarda do pai, da mãe. Representa essa “união familiar”, diz. “Os chineses dão muita importân-

cia à compra de uma casa, é raro ver pessoas a viver em casas arrendadas. Um imóvel passa de pais para filhos e isso é importante.”

Sofia Mak concorda. Este é um espaço reservado à família. “Não convi-do os meus amigos para aqui virem, numa casa existem segredos.”





• CASA E TRABALHO ENTRE QUATRO PAREDES

A TELEVISÃO de Hong Kong tem David Cameron na imagem. Por estes dias, o mundo discute a saída do Reino Unido da União Europeia. Chong Mei, 70 anos, está sentada a um canto a olhar para o pequeno ecrã e a fazer tempo para ir buscar o neto à escola. Estamos na loja Ieng Kuong, que vende material eléctrico e sementes. Mais ninguém se encontra no número 5 da Rua do Infante, nem um cliente. O espaço, amplo, sem vida, mais parece uma sala de arrumos. Nas estantes de vidro, lâmpadas, tomadas, adaptadores, sacos de plástico, caixotes fechados apanham pó. Talvez estejam ali, assim, há anos. Não fosse estar escrito num placar gigante que aqui se vende material eléctrico e sementes, poucos dariam por isso.

A Ieng Kuong já foi um negócio próspero. Em 1965, quando Chong Mei se juntou ao mais velho dos quatro filhos desta família, mudou-se para esta *shop-house* (casa-loja na tradução portuguesa). Nessa altura viviam aqui cerca de 20 pessoas, quatro gerações que chegaram a partilhar quatro divisões nestes dois andares – trabalhavam no rés-do-chão, viviam na parte de cima. E o mesmo se passava nas redondezas.

“Os vizinhos saíram todos”, comenta Chong Mei. “Já não se vêem muitas casas destas.” A Ieng Kuong foi-se mantendo, trocou as portas de madeira por portas eléctricas de ferro. O edifício, de fachada degradada, “tem sido objecto de várias obras de reparação da estrutura para não colapsar”, mas em tempos de chuva, a água ainda aqui entra, nota a septuagenária.

Chong Mei mudou-se entretanto para a Taipa. No segundo andar vive apenas um tio do marido, mas há quem passe aqui umas temporadas. É que esta *shop-house* mantém-se como o espaço de família, de reunião. É aqui que todos se encontram, é aqui que descansam. “Os velhos dormem noutra casa, mas passam aqui o dia.”

Quem manteve o negócio da família foi Lei Heng Keong, 67 anos, ven-

CASA-LOJA

A *shop-house* é uma tipologia tradicional das cidades costeiras do Sudeste Asiático. Predominantes em Macau no século XIX e primórdios do século XX, estas são estruturas híbridas, de uso misto, que combinam a actividade comercial e habitacional. São na maioria estruturas baixas, de dois ou três andares – o rés-do-chão é utilizado para o negócio e os pisos superiores como casa. O estilo arquitectónico varia de cidade para cidade e incorpora diferentes influências de culturas locais. “Macau foi este ponto estratégico que teve muitas influências de outros locais e essas influências muitas vezes nem são cópias, não são transformações radicais, mas adaptações. Muitas vezes pega-se num elemento do local, associa-se às condições locais que temos em Macau e surge uma pequena evolução dentro daquela tipologia maior”, explica o arquitecto Nuno Soares. Em Macau, esta tipologia está muito presente nas antigas áreas comerciais e reflecte a influência ocidental e oriental. Apresenta frequentemente uma particularidade: um *kok chai* – trata-se de um piso de mezanino com tecto baixo ligado ao rés-do-chão. Apesar de se encontrarem ainda vários exemplares em Macau, muitos outros deram lugar a edifícios de quatro ou cinco andares. Sendo esta uma das tipologias mais específicas da antiga cidade, Nuno Soares defende a preservação destes conjuntos urbanos.

dedor de gelados e água de coco. A loja Cocos Hung Heng tem morada ali perto, no número 14 da Rua da Tercena, um edifício de 147 anos. O pai, oriundo de uma família do Inte-

rior da China, fugiu à guerra, chegou a Macau há 80 anos e começou o negócio do coco. “Nos anos 1960 e 1970 esta era uma rua comercial próspera, ao lado da Rua Cinco de Outubro, Rua das Estalagens e Rua dos Ervanários”, aponta Lei.

Mesmo em frente a este negócio, existiram outras duas casas-loja até à década de 1980 – um homem vendia vidro, ao lado trabalhava um dentista. Deram lugar a prédios mais altos. “Existiam aqui muitas casas centenárias, onde havia uma loja, havia sempre pessoas a viver em cima.”

Nos três andares desta *shop-house*, Lei Heng Keong viveu com a família. Os pequenos quartos foram entre-

tanto transformados em salas espaciais, que partilha hoje apenas com a mulher. Uma clarabóia no último andar, que projectava a luz do dia até cá abaixo, desapareceu. “O negócio já tem tanto tempo, que não queria que acabasse. É suposto esta casa passar de geração em geração.”

Durante esta entrevista, Lei nunca deixa de atender clientes. Duas turistas compram um gelado, sentam-se cá dentro num cadeirão pesado, estilo chinês. À porta estão pendurados quatro cocos, a casca tem pintado a vermelho o símbolo de dupla felicidade – 囍. Do fundo da Rua da Tercena chega, sem interrupção, o barulho das máquinas a perfurar a calçada. ■





世之為道者多矣求以名行計以高傳以功隨
之而為者多矣山伯遠遊出足緣道長生藥充已樂
在歸子才知善後能猶望司神怡其後懷公願
易弟勉之 錄古人詩一首 庚午春初趙銘

人能素家 考云此

玄夢 裏來 玄便原

静以養神 能動以長練 生形
北極前弟志存 庚午仲春趙銘

山上海海分年之
小茲種以有先特
能之申了春以是
可一以也

A casa...

A cidade cresceu, a casa da família chinesa tornou-se mais pequena e foi-se divorciando da natureza. Mas na forma de habitar, a cultura e a tradição têm sido mais permanentes do que a arquitectura

... E A RELAÇÃO QUE TEM COM O DIA EM QUE NASCEMOS

Porto Interior. Rua do Visconde Paço de Arcos, número 355, terceiro andar. Entramos em casa de Ziu Iat Sin, 87 anos, mestre de *feng shui* – uma arte milenar chinesa que estuda a influência do espaço no bem-estar das pessoas.

Nesta casa, todas as divisões estão de portas fechadas. Os cortinados estão corridos, deixam passar fios de luz, tons quentes iluminam o espaço.

Ziu Iat Sin nasceu na Província de Guangdong no seio de uma família endinheirada. Na China, tinha 13 empregadas, um mestre de *feng shui*, com quem aprendeu tudo o que sabe hoje.

A sala onde estamos é rectangular. “Deve ter forma rectangular ou quadrada”, diz o mestre. “Não interessa se é grande ou pequena, interessa a forma.”

A leitura do *feng shui* é feita a partir da data de nascimento, explica. Uma bússola antiga e a consulta do Tong Sheng, guia baseado no calendário lunar, vão ajudar a determinar “os conflitos” que uma casa e uma pessoa devem evitar. Mas há regras universais, que não são ditadas apenas pela leitura. “À frente da porta de entrada não deve estar uma janela, porque tudo o que entra, sai e a riqueza não vai entrar nessa família.” Numa consulta, o mestre aconselharia ao cliente a colocação de objectos, como um armá-

rio ou um biombo, para bloquearem o caminho.

Ziu Iat Sin diz que em Macau e Hong Kong são várias as pessoas que recorrem a estes serviços. Por mês, este mestre dá cerca de dez consultas, o preço pode variar, começando nas 3000 patacas.

A experiência da arquitecta Joy Choi diz que o *feng shui* está muito presente na vida dos chineses. “Mas não o divulgam, convidam um consultor pessoal para aconselhamento e passam a informação aos arquitectos ou designers. Temos de pensar, por exemplo, onde deve estar a cama, talvez a área da cabeça não deva estar virada para a água, mas isso depende de muitos factores”, realça Choi, admitindo que a contratação de um mestre depende também das condições financeiras do cliente. “Quem tem posses fá-lo.”

Ao nível da construção, o *feng shui* não é tão visível na arquitectura vernacular de Macau, realça o arquitecto e urbanista Nuno

Soares. «Conseguimos notar em termos de organização dos móveis no interior, mas do ponto de vista da arquitectura em si, ela tem um enquadramento urbano que o condiciona muito. Já na arquitectura erudita é muito evidente e determinante», explica.

Uma visita à mansão de Lou Kau permite-nos perceber a importância do *feng shui* nesta estrutura, que data de 1889. Localizada no número 7 da Travessa da Sé, foi a residência de Lou Wa Sio (Lou Kau), um importante mercador chinês. “Era uma pessoa importante, porque tinha a possibilidade de ter uma casa junto à Sé Catedral, o que na altura não acontecia, as pessoas viviam na zona Norte da península, esta casa era uma marca do estatuto que tinha”, nota Vincent Ho, historiador e académico da Universidade de Macau.

A atenção dada ao *feng shui* é visível no espaço. Um biombo à entrada pretende trazer harmonia à casa. Vincent Ho chama também a atenção para um dos pátios, onde foi construído um escoadouro de água da chuva em forma de moeda. “Água em chinês





UMA VISITA À MANSÃO DE LOU KAU PERMITE-NOS PERCEBER A IMPORTÂNCIA DO *FENG SHUI* NESTA ESTRUTURA. UM BIOMBO À ENTRADA PRETENDE TRAZER HARMONIA À CASA E NUM DOS PÁTIOS FOI CONSTRUÍDO UM ESCOADOURO DE ÁGUA EM FORMA DE MOEDA MOEDMOEDA FORMA A MANTER O DINHEIRO NA CASA

também significa dinheiro e se o dinheiro desaparece não é bom, então foi colocada aqui uma moeda igual às [antigas] moedas chinesas.”

... FOI-SE AFASTANDO DA NATUREZA

à medida que os prédios foram crescendo em altura, o homem foi-se afastando da natureza, diz a arquitecta Joy Choi. O progresso tecnológico só veio acelerar este divórcio. “Na arquitectura vernacular, não tínhamos tecnologias tão avançadas, como elevadores ou ares condicionados, vivíamos mais perto da natureza”, salienta.

Basta pensar nas casas-pátio: “São estruturas baixas, que permitem que o sol e o vento entrem, as janelas são pequenas, mas permitem a ventilação transversal”, explica.

Joy Choi acredita, porém, que em certos casos a tecnologia continua a funcionar em paralelo com as preocupações ambientais. “Procura-se escolher a melhor orientação para o prédio ou casa numa tentativa de aproveitar a ventilação natural.”

... É UM ESPAÇO MULTIFUNCIONAL
Em Macau, o terreno é escasso, é caro, e existe uma “grande pressão para se

ser muito eficiente na forma de utilizar o espaço”, nota Nuno Soares.

Uma divisão pode assumir vários papéis: pode servir para as refeições, para jogar Mahjong, à noite para dormir. “Numa cultura mais ocidental nós temos uma divisão espacial e cada uma das divisões tem uma função especial, embora algumas contactem com outras, mas é feita esta segmentação”, refere o arquitecto português.

Joy Choi concorda. Na cultura chinesa, uma casa deve ser multifuncional e de fácil manutenção. “A mesa de jantar pode ser transformada em

mesa de leitura e em espaço de reunião familiar.”

O espaço de arrumações é também, segundo a arquitecta, um elemento importante do lar chinês. Se na casa-pátio, a zona ao ar livre servia para armazenar, na habitação contemporânea, esse espaço passou para o interior. “Faz-se uso da altura, pode armazenar-se num tecto falso, utilizar as paredes ou criar uma espécie de palco no chão e pôr as coisas lá dentro.”

É comum, por isso, a intervenção da população chinesa no espaço residencial. «São interventivos, pintam as casas, alteram os vãos e o interior, põem gaiolas», indica Nuno Soares.

O arquitecto acredita que, apesar do espaço residencial ter sofrido transformações no aspecto físico, o mesmo não aconteceu com a forma de habitar. “Penso que a cultura é mais permanente do que a forma arquitectónica.”

... É UMA PROPRIEDADE

“Possuir algo é muito importante na cultura chinesa, seja uma casa, uma jóia ou um diamante”, refere Joy Choi. “É mais importante ter do que aproveitar.”

Isto tem levado, segundo a especialista, a um desinteresse generalizado pela decoração do interior dos apartamentos. “Ainda agora cheguei de Milão, onde estive no Salão Internacional do Móvel, e percebi que os italianos pedem empréstimos aos bancos para comprar móveis, mas não para comprar uma casa. Isso é impossível na cultura chinesa”, vinca.

Apesar disso, a indústria do mobiliário está a tentar adaptar-se à dimensão reduzida das casas em Macau. “A mobília tradicional chinesa não encaixa facilmente no espaço moderno, é grande e pesada.” Os chineses, comenta, continuam a preferir sentar-se e dormir em superfícies duras. “O sofá serve apenas para ver televisão, não para ler, porque lê-se na mesa. Mesmo os mais jovens, em geral, fazem-no.”



Joy Choi acredita que Macau deve apostar no estudo do interior do espaço habitacional, de forma a promover uma maior qualidade de vida e adaptar a cultura chinesa à habitação contemporânea. Uma maior aposta nesta área poderá também trazer mais mercado a quem trabalha no sector.

... É UM LUGAR CHAMADO FAMÍLIA

Gerações de famílias partilharam desde sempre o mesmo espaço. Hoje as casas são mais pequenas, as famílias podem não viver sob o mesmo tecto, mas procuram viver perto. “Muitas vivem no mesmo prédio”, aponta a arquitecta Joy Choi. Neste espaço íntimo, não é comum a presença de estranhos ao núcleo familiar. “Não temos o costume de convidar pessoas de fora”, reforça.

“Tenho amigos muito ligados a outras culturas, que têm uma sala própria para receber convidados e outra para a família, que será um espaço



UMA DIVISÃO PODE ASSUMIR VÁRIOS PAPÉIS: PODE SERVIR PARA AS REFEIÇÕES, PARA JOGAR MAHJONG, À NOITE PARA DORMIR

mais informal”, refere a especialista, apontando também que é comum o quarto de hóspedes situar-se perto da entrada, “longe da área mais privada da casa”.

“Ao contrário da tradição ocidental, a casa não é um espaço social”, completa o historiador Vincent Ho. ■



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



A ressurreição do cinema

T CATARINA DOMINGUES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Situada na Travessa da Paixão, a primeira cinemateca local, que está a funcionar ainda em regime experimental, quer preencher um vazio em Macau: promete um programa alternativo e a promoção do cinema independente. Cineastas ouvidos pela MACAU elogiam o projecto e defendem seriedade no processo de concessão da gestão do espaço





PASSAM POUCOS minutos das nove e meia da manhã. No centro de Macau, na zona das Ruínas de São Paulo, ouvem-se os lojistas a levantar as portas metálicas, a abrir o negócio. O som interrompe brevemente o silêncio da Travessa da Paixão, onde estão sentados dois guardas de colete amarelo fluorescente a brincar ao telemóvel. Um jovem casal do Interior da China arrasta as malas de viagem pelo pavimento de paralelepípedos – ela traz uma cor-de-rosa, ele uma azul escura. As malas vão ficar na próxima meia hora encostadas a um dos antigos edifícios desta travessa, enquanto o casal se vai fotografando. Ela aponta com o indicador para a placa onde está inscrito o nome da rua: Travessa da Paixão. E sorri, ao olhar em direcção ao telemóvel.

Poucos saberão que o nome desta travessa, baptizada pelo Governo português em 1925, se refere originalmente à “Paixão” de Cristo. Em chinês, o nome foi traduzido, e interpretado, como “estando apaixonado”.

É no número 13 desta rua estreita, num edifício do início do século XX, que está localizada a Cinemateca Paixão. “Esse cinema só está aberto de vez em quando”, atira o senhor Zhou, responsável pelo negócio de gelados Coco Legend, ali perto.

Apoiar o cinema independente

A Cinemateca Paixão, que abriu as portas em Setembro do ano passado, está a funcionar em regime experimental. É Ho Ka Weng, chefe substituto do Departamento de Promoção das Indústrias Culturais e Criativas do Instituto Cultural (IC), que acompanha a MACAU ao fim de tarde numa visita guiada à cinemateca. As obras deste espaço, propriedade da Associação Hó-Sông-I-T’óng de Macau, e com gestão temporária do IC, ainda não terminaram. Dois edifícios situados ao lado da Cinemateca Paixão – o número 9

QUANDO O PERÍODO EXPERIMENTAL TERMINAR, SERÁ FEITA UMA AVALIAÇÃO AO FUNCIONAMENTO DO EQUIPAMENTO. NESSA ALTURA, A CONCESSÃO DA GESTÃO VAI SER ENTREGUE A UM ORGANISMO EXTERNO POR CONCURSO PÚBLICO

e 11 da Travessa da Paixão – deverão ser anexados ao projecto em 2017 para servir como espaços para exposições.

Neste momento, apenas o rés-do-chão do número 13 está em funcionamento: uma pequena sala de cinema com capacidade para 60 espectadores; uma sala de controlo, equipada com um projector digital e um sistema de som Dolby Digital 7.1, que custaram dois milhões de patacas ao Governo e foram comprados em Hong Kong; e a área da bilheteira no átrio principal. É aqui que nos sentamos.

“Quando encontramos um cinema em Macau, este é comercial, e o Governo da RAEM quer proteger o cinema independente”, diz Ho Ka Weng sobre o novo projecto.

E foi com este objectivo que o Instituto Cultural lançou o Programa de Cedência Temporária do Espaço, ao qual membros da indústria, realizadores ou associações ligadas ao cinema se podem candidatar. A ideia é que todas as actividades realizadas durante o período experimental – seminários, ciclos de cinema ou debates – sejam organizadas por representantes do cinema local. São associações que “têm dificuldades em projectar os próprios filmes num cinema comercial, porque isso envolve custos muito elevados, e o nosso objectivo é que esta seja uma plataforma para o fazer”, completa Ho Ka Weng.

Desde que abriu as portas, já foram organizadas várias actividades. O seminário “A Arte do Cinema: Teoria e Aplicação”, uma iniciativa do IC, trouxe ao território Alex Mok, vice-presidente da Hong Kong Film Arts Association; a Associação Macau-Itália exibiu o documentário *Father Nicotia, The Angel of The Lepers*; e foi também durante este período que se realizou a segunda edição do Festival de Cinema de Macau Ying E Chi, cuja programação incluiu uma retrospectiva da obra de cineastas asiáticos.

Quando o período experimental terminar, será feita uma avaliação ao funcionamento do equipamento e à reacção da população e associações de cinema ao novo espaço. Nessa altura, a concessão da gestão do espaço vai ser entregue a um organismo externo por concurso público. Deverá entrar em funcionamento oficial em meados de 2017.

Educar mais que entreter

“A cinemateca pode preencher um vazio em Macau no que diz respeito ao cinema alternativo”, diz Vincent Hoi,





Ho Ka Weng, chefe substituto do Departamento de Promoção das Indústrias Culturais e Criativas do Instituto Cultural



Vincent Hoi, cineasta local e co-fundador da Associação CUT

cineasta local e co-fundador da Associação Audiovisual CUT. O realizador de *Before Dawn Cracks*, exibido em Macau, Hong Kong, Pequim, Osaka e Granada, acredita que este novo espaço deve trazer mais cinema de autor à cidade.

Já era assim em Hong Kong, há 20 anos, recorda Vincent Hoi, referindo-se ao Centro de Artes da região vizinha, que se lembra de “oferecer um programa mensal de cinema”.

Vincent Hoi acredita que esta deverá ser a prioridade da cinemateca de Macau quando passar para as mãos de um gestor fixo. Deixa a sugestão: “A associação [que ficar com a exploração do espaço] poderá apresentar mensalmente diferentes tipos de cinema, como por exemplo, cinema francês dos anos 1960 e 1970, filmes italianos produzidos no pós-guerra ou obras cinematográficas da Quinta Geração de cineastas da China, da qual faz parte Zhang Yimou”.

E mais. Este deverá ser um espaço para dar a conhecer os “filmes de minoria”, que “difícilmente são encontrados na Internet ou em lojas de DVD, como é o caso de obras de autores africanos ou de alguns países da América Latina”, defende.

A cinemateca deve, além disso, ser um pólo de discussão por excelência. Política e cultura andam de mãos dadas, observa o realizador, sublinhando que este espaço deve servir para “educar mais do que entreter”.

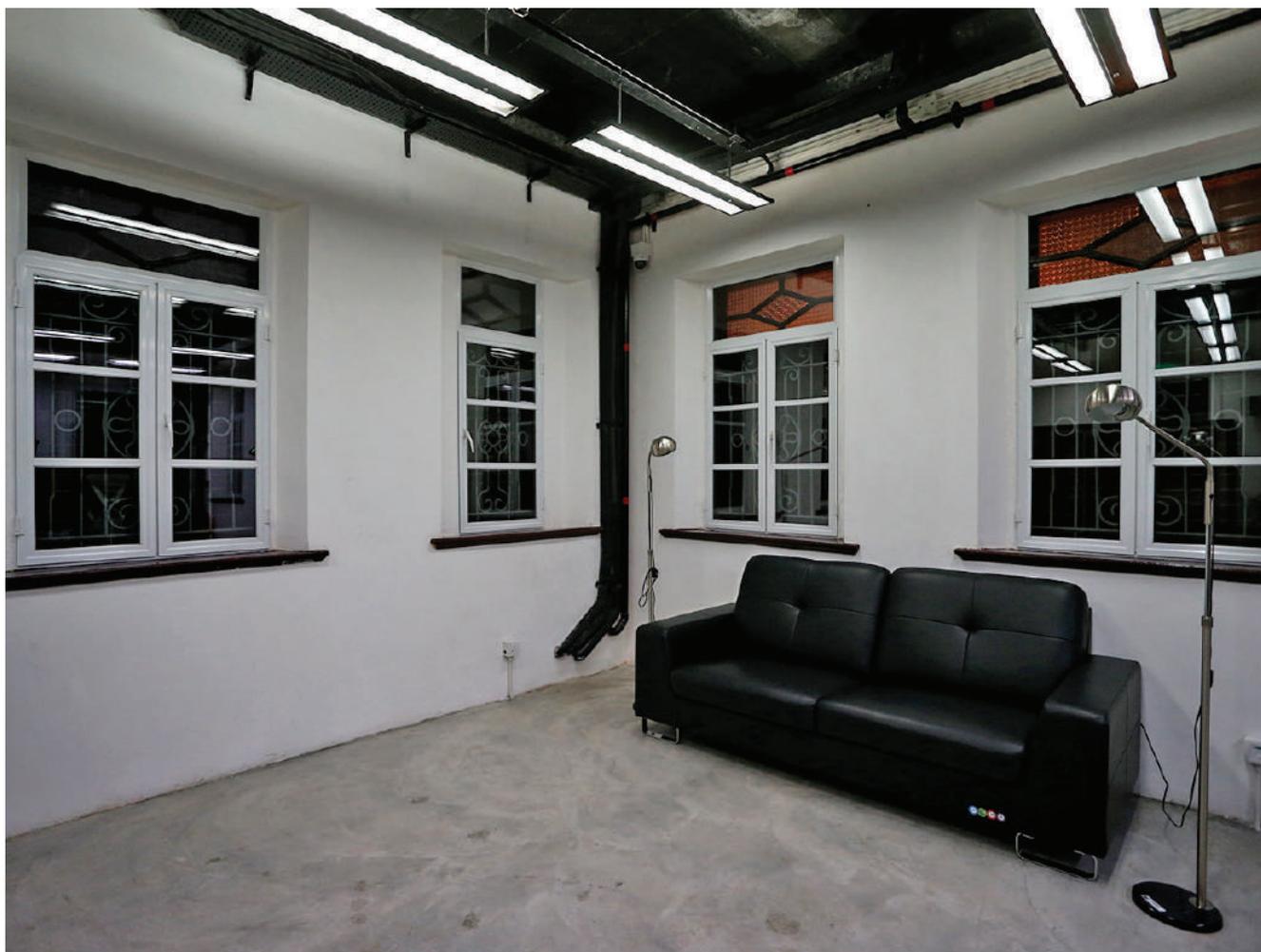
A importância do arquivo

No primeiro andar da Cinemateca Paixão vai estar instalada a sala de documentação cinematográfica. No futuro, é aqui que qualquer pessoa poderá consultar todo o tipo de material relacionado com o cinema local – filmes, jornais ou revistas. Ho Ka Weng, chefe substituto do Departamento de Promoção das Indústrias Culturais e Criativas do IC, realça que foram feitas visitas a Taiwan e Hong Kong para servir de referência à criação deste espaço. “Vamos cooperar com várias associações para recolher este tipo de materiais”, diz.

O arquivo é um dos espaços nobres de uma cinemateca, realça António Caetano Faria, realizador português e autor de uma série de obras recentes sobre Macau, como *Time Travel* e *Into the Void*. De acordo com o cineasta, a futura sala de documentação cinematográfica deve estar preparada para receber todos os filmes produzidos por pessoas de Macau ou filmados na cidade. “Por exemplo, os filmes de Macau que datam de 1952 ou que foram cá gravados nesse ano, devem poder ser visualizados neste local.”

Vincent Hoi, por sua vez, alerta para a necessidade de criar um arquivo com capacidade para armazenar “a temperaturas baixas” filmes mais antigos. “Se estiverem a pensar trazer as películas em formato 16mm do Arquivo Histórico, então este tipo de situação deve ser pensada.”

O realizador chama ainda à atenção para a existência de obras sobre Macau que se encontram noutros territórios, como em Portugal, e que poderão ser aqui arquivadas.



NO PRIMEIRO ANDAR DA CINEMATECA PAIXÃO VAI ESTAR INSTALADA A SALA DE DOCUMENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA. POR ENQUANTO, NÃO PASSA DE UM ESPAÇO VAZIO, MAS NO FUTURO, É AQUI QUE QUALQUER PESSOA PODERÁ CONSULTAR TODO O TIPO DE MATERIAL RELACIONADO COM O CINEMA LOCAL — FILMES, JORNAIS OU REVISTAS

das. “São imagens antigas e é importante conservar nesta cinemateca.”

Passagem de testemunho

O Governo de Macau deverá em breve lançar o concurso público para a futura gestão do espaço e a Associação Audiovisual CUT quer entrar na corrida. Para Vincent Hoi, membro fundador do organismo, a CUT é uma concorrente natural porque conta “com experiência na exibição de filmes e na organização de programação cinematográfica”.

O cineasta acredita que o processo deverá demorar.

“Serão necessários por volta de dois meses para as candidaturas serem entregues e talvez meio ano para estudar e tomar uma decisão sobre qual será a associação a ficar a gerir o espaço.”

António Caetano Faria defende que a gestão deverá ficar nas mãos de uma associação de Macau e não de fora. Depois disso, é necessário “haver um critério” na seleção da programação em cartaz. “Se é uma cinemateca, tem de haver alguma qualidade e para haver qualidade tem de ser avaliada. Parte do Instituto Cultural responsabilizar-se por isso e avaliar os projectos que vão estar em exibição no local.” ■



A laca chinesa

T F JOSÉ SIMÕES MORAIS

Os objectos lacados são uma das grandes invenções chinesas e atingiram o seu expoente entre o Período dos Reinos Combatentes e a Dinastia Han do Oeste. Devido ao processo ser muito complicado e trabalhoso custavam fortunas e por isso, apenas os governantes e as famílias ricas tinham acesso a eles

EXISTEM DOIS tipos de laca, a vegetal, produzida a partir da resina da *Rhus verniciflua*, originária da China e a animal, produto do insecto *Coccus lacca*, Kerr, proveniente de Pegu, Myanmar. Esta última aparece nos troncos de certas árvores (como a figueira religiosa) devido à fêmea do insecto *Coccus lacca* aí colocar as suas larvas, protegendo-as assim dos seus predadores. Cortados os ramos, ficam estes à sombra a secar até as incrustações resinosas se desprenderem da madeira. Era esta conhecida nas farmácias europeias por intermédio dos árabes que a denominavam pelo nome de *locsumutri*, que quer dizer laca de Samatra, assim chamada porque de Pegu era levada para os portos de Samatra. O primeiro europeu a examinar a origem da laca animal, conhecida actualmente por goma-laca, foi Garcia de Orta, que a descreve como “um corante asiático de origem vermelha cuja real fonte são insectos parasitas do género *Kerria*. Contudo, as formigas são frequentemente atraídas para as colónias de laca devido à segregação de uma resina doce pelo insecto” e por isso, os antigos escritores portugueses davam-lhe o nome de lacre de formiga.

Já na China, a laca, lacre ou charão, em mandarim *shengqi* (生漆), é produzida a partir da resina da *Rhus verniciflua*, ou Árvore da Laca, sendo sobretudo Yunnan, Guizhou, o Leste de Sichuan, a parte Oeste de Hubei e Shaanxi, as cinco províncias chinesas onde se consegue mais abundância desta goma. A árvore começa a

OS OBJECTOS LACADOS SÃO À PROVA DE HUMIDADE, RESISTENTES AO CALOR E ÀS SOLUÇÕES ALCALINAS E ÁCIDAS, SENDO AS CORES E LUSTRO ALTAMENTE DURÁVEIS. USADA COMO VERNIZ PARA PROTEGER E DECORAR, APÓS SOLIDIFICAR SERVE PARA NELA SE ESCULPIR COM A AJUDA DE UMA FACÇA BEM AFIADA

produzi-la entre o terceiro e o quinto ano após plantada, mas só no sétimo é de qualidade para ser usada no lacar de objectos, variando a idade de produção entre os 50 e 70 anos. De 21 de Maio a 8 de Setembro é o período do ano em que se faz a extracção, sendo a melhor recolhida entre Junho e Julho e por dia, de cada árvore, pode-se retirar entre dois a três quilogramas.

As incisões na casca devem ser feitas antes do pôr-do-sol para que o calor não solidifique e estanque o sangrar da árvore, assim como é colhida ao clarear do dia para que a alva resina não fique escura. Retirados os potes das árvores, é o látex com aparência de creme despejado para um maior recipiente de madeira que cheio é tapado com uma folha de papel oleoso.

Em seguida, a laca é levada para ser filtrada e retirar-lhe as impurezas, assim como parte da água que contém. Preparada a laca para o trabalho específico que se pretende com ela realizar, coloca-se num recipiente hermeticamente fechado para a proteger da luz e do contacto com o ar.

O lacar

À laca preparada para trabalhar, dá-se-lhe o nome em mandarim de *jingzhiqi* (精制漆) e é o melhor dos vernizes, tendo um sem número de aplicações. Usa-se a madeira, gesso, metais e tecidos, como suporte para aplicar o verniz, camada sobre camada, revestindo assim esses materiais. A quantidade de camadas varia entre pelo menos três, até à centena, o que cria uma espessura considerável aos objectos lacados. Após a aplicação de uma camada, tem esta de ficar seca para se voltar a dar uma nova camada, exigindo por isso um ambiente com uma certa humidade (entre 70 a 80 por cento) para lentamente (de horas a alguns dias), sob a influência da lactase, endurecer e se combinar com as camadas anteriores. Na maior parte dos trabalhos, após as camadas de laca ficarem bem secas e endurecerem, a base é-lhe retirada.

Os objectos lacados são à prova de humidade, resistentes ao calor e às soluções alcalinas e ácidas, sendo as cores e lustro altamente duráveis. Usada como verniz para proteger e decorar, após solidificar serve para nela se esculpir com a ajuda de uma facça bem afiada.

Para trabalhar com laca deve-se ter alguns cuidados, protegendo o rosto e as





O COMÉRCIO DE ARTIGOS DE LACA PARA OS PAÍSES DA EUROPA ATINGIU O SEU PICO DURANTE A DINASTIA QING, ENTRE OS SÉCULOS XVII E XVIII. EM 1680, NO REINADO DO IMPERADOR KANG XI, FOI CRIADO O DEPARTAMENTO DE LACA, O ZAOBANCHU (造办处), PARA CRIAR TRABALHOS ESPECIALMENTE FEITOS AO GOSTO DA CORTE

mãos para que não se seja 'comido pela laca', já que o contacto com a pele cria perigosas irritações. Se tal acontecer deve ser a pele lavada com água salgada.

Desde há pelo menos 8000 anos que se faz uso da laca, como se pode constatar pelos achados na província de Zhejiang, na Cultura Kuahuqiao e mil anos depois em Hemudu, assim como também na Cultura Liangzhu de há 5300 anos. Em Wujiang, província de Jiangsu, foram desenterrados objectos de barro preto pintados a laca, estando intactos uma chávena e um pote.

O soberano Yao (2357-2258 a.C.) usava recipientes protegidos por laca preta para comer e no período de DaYü (o primeiro Imperador Xia) ha-

via utensílios para uso em rituais, lacados por fora com cor preta e por dentro de cor vermelha.

Antes da invenção da tinta já se utilizava a laca para escrever, como se comprova pelas vinte e oito varas de bambu retiradas de um túmulo em Xinyang, Henan, do Período dos Reinos Combatentes.

Entre o bronze e a porcelana, a laca

Os objectos lacados, em mandarim *qi qi* (漆器), foram-se desenvolvendo simultaneamente com os de bronze durante as dinastias Xia, Shang e Zhou do Oeste, mas no Período dos Reinos Combatentes (475-221 a.n.E.), devi-

do às grandes possibilidades decorativas e serem peças muito mais leves, ganharam a preferência aos de bronze como utensílios de uso diário. Dos túmulos dessa época foram desenterradas uma grande quantidade de peças lacadas com uma enorme qualidade, comprovando-se que nos reinos Chu e Han se faziam trabalhos excepcionais com a laca. Usavam sobretudo a madeira como suporte e variavam entre artigos de mesa, como copos, pratos e colheres; de uso diário como caixas, arcas, pentes, camas, estantes e baldes; objectos rituais tais como, recipientes, vasos e caixões, aparecendo também armaduras, capacetes, punhos de espadas e instrumentos musicais, como *guqin*, tambores e sinos lacados. Os objectos eram preciosamente decorados com diferentes cores e como a resina de laca é transparente, para lhe dar cor (vermelho, amarelo, azul, branco e preto) no Período dos Reinos Combatentes usavam-se já pigmentos dissolvidos em óleo *tong* (桐油), extraído da árvore chinesa de TongShu.

Os trabalhos em laca tornaram-se um produto nacional aquando da unificação do país pela dinastia Qin. Na dinastia Han, a resina da laca servia tanto para proteger e conservar as madeiras da humidade, como usada para decorar peças de uso quotidiano. Os objectos lacados tinham vantagens em relação aos utensílios de bronze para comer e por isso, nesta dinastia substituíram-nos. Tinham um fundo preto decorado a vermelho e vice-versa. Foi também no final desta dinastia que, com o aparecimento da porcela-





na, muitos desses objectos deixaram de se produzir.

Atingiu-se então o apogeu, tanto na quantidade como em qualidade, tal como se popularizou o seu uso. Havia oito províncias que realizavam o trabalho de laca e onde estavam colocadas as dez fábricas estatais dessa indústria, tendo oficiais destacados para as supervisionar, encontrando-se então o centro na província de Sichuan, em Chengdu e Guanghan. Nos objectos eram gravados a data, o local e o nome do artista, apesar de em cada um deles trabalhar um imenso número de pessoas, que por vezes apareciam referenciados com as suas posições. Equipa constituída pelos que tratavam do suporte, quem nele colocava as camadas de verniz e lhe dava as cores, os encarregados da secagem, os que aplainavam, os que gravavam as inscrições, quem fazia o último polimento e os artistas, que concebiam, modelavam ou esculpam os objectos. Havia ainda fábricas privadas.

A base de suporte para laca, para além da usual madeira e bambu, passou a ser o papel, o couro, o metal, tecidos e raramente o jade. Nos objectos lacados eram aplicados metais preciosos para complementar a decoração.

O processo de decoração menos trabalhoso é passar algumas poucas camadas de laca de cor preta e depois fazer os desenhos com laca vermelha. Já outra técnica é a de aplicar esta resina, camada sobre camada, construindo um corpo com uma certa espessura e antes de secar, modelar as figuras. Tal técnica em laca vermelha surgiu na dinastia Han, tendo durante a dinastia Tang evoluído. Cada camada de laca aplicada tinha que secar e após a espessura necessária eram então esculpidas as figuras em relevo com o uso de uma faca afiada.

Entre o século III e VI faziam-se estátuas modeladas em barro revestidas com tecidos que eram depois lacados e após bem secas essas camadas, eram-lhes retirados os moldes.

Técnicas de trabalhar a laca

Poucos são os objectos lacados encontrados do período que vai dos fi-

nais da dinastia Han até à dinastia Song, devido a muitos deles terem sido substituídos por porcelana. Durante a dinastia Tang houve um incremento na arte de laca, quando famosos artistas usaram-na para esculpir estátuas budistas. Em 772, um édito imperial proibia o uso do ouro e prata para decorar as peças lacadas, assim como impedia que elas acompanhassem os mortos nas suas sepulturas. Nesta dinastia muitos objectos lacados foram levados para o Japão, tal como aconteceu no período Song e até meados do século XIV eram também exportados de Guangzhou para a Índia e Pérsia.

No Período das Cinco Dinastias (907-960) aplicava-se já madrepérola nas peças lacadas e Zhu Zun Du (朱遵度) escreveu o Livro da Laca (Qijin, 漆经) que desapareceu, conhecendo-se a sua existência pois outros livros o mencionam.

A técnica evoluiu bastante na dinastia Song, usando-se uma grande variedade de estilos de lacas, sendo as da província de Zhejiang as mais conhecidas e as melhores da China. Aí existiam lojas de luxo para as vender, sendo Hangzhou e Wenzhou os dois centros mais importantes de manufatura de laca. Ainda nesta dinastia apareceram objectos lacados com desenhos em ouro. A técnica consistia em criar uma base lacada a vermelho ou preto e depois, aplicar uma camada de laca transparente com o desenho pretendido. Antes de a camada secar era colocado o ouro em pó, que devido à laca servir como cola, assim ficava agarrado. Também surgiu a técnica de esculpir *rhino* (剔犀), muito elaborada pois faz uso de diferentes cores misturadas com a resina, que são aplicadas nas diferentes camadas separadamente e quando depois são esculpidas, essas cores aparecem dando aos veios do contorno das figuras uma noção de grande profundidade.

Laca para a Corte

Na dinastia Yuan a laca era aplicada em camadas sucessivas e antes de se-



car era modelada para criar os desenhos, fazendo-se também aplicações com ouro e prata, assim como com placas finas e planas de madrepérola. No Palácio Imperial desta dinastia mongol, os artistas que esculpiam em laca eram de Yunnan. Havia também oficinas privadas, como a existente em Jiaxing, na província de Zhejiang, onde grandes mestres como Zhang Cheng e Yang Mao esculpiam os desenhos nas camadas de laca com diferentes cores e Peng Junbao, famoso na técnica de incrustar fios de ouro e prata na laca.

Uma peça de Zhang Cheng, trazida do Japão por um oficial Ming e entregue como presente ao Imperador Yongle, levou em 1421 à criação no Palácio Imperial do departamento de laca Guoyuanchang (果园厂), que apenas existiu durante 20 anos. Daí saíram as melhores obras destinadas à corte Ming, sendo muitas delas de Zhang Degang, filho desse célebre artista da dinastia Yuan. Foi pela simbiose dos dois estilos de esculpir em laca, o de

Yunnan e de Zhejiang, que surgiram essas novas peças. Usava-se na base uma série de materiais como ouro, prata, ferro, alumínio, madeira, bambu, assim como eram aplicadas todas as anteriores técnicas conhecidas, o esculpir a laca vermelha, a laca colorida e a Rhino (esculpir nas camadas de laca com diferentes cores), sendo o trabalho mais interessante feito com representações esculpidas na laca de cor vermelha. Ainda da dinastia Ming é o “Registos sobre Laca” (Xiu Shi Lu, 髹饰录) escrito pelo mestre Huang Cheng. Para além de Zhejiang e Yunnan, na província de Jiangsu, em Yangzhou trabalhava-se a laca embutida para decoração das peças e na cidade de Suzhou, obras de laca com dourados, tal como ocorria na província de Shanxi, onde as mobílias de laca eram douradas.

O comércio de artigos de laca para os países da Europa atingiu o seu pico durante a dinastia Qing, entre os séculos XVII e XVIII. Em 1680, no reinado do Imperador Kang Xi, foi criado o

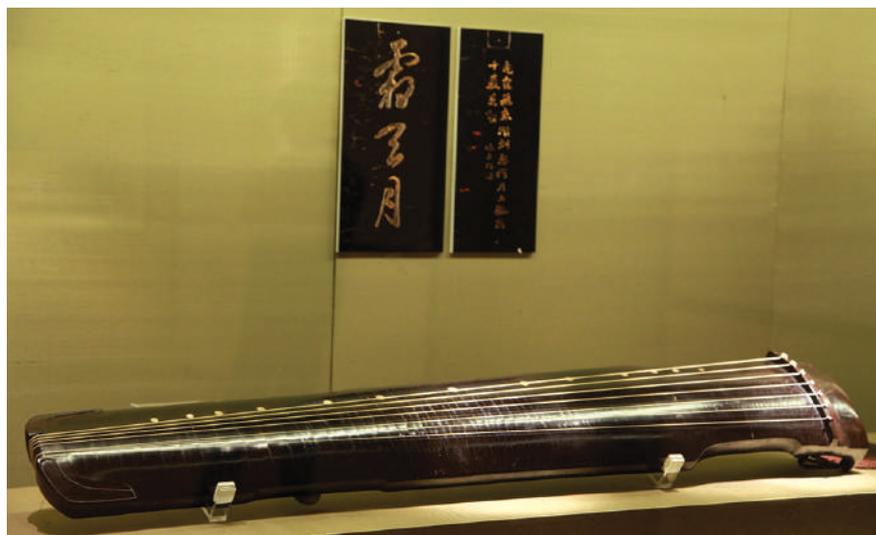
departamento de laca, o Zaobanchu (造办处), para criar trabalhos especialmente feitos ao gosto da corte.

Pequim, Yangzhou e Fuzhou são as cidades líderes em trabalhos de laca. Para cada peça são necessárias de 30 a 100 operações até ficar pronta. Após a preparação e polimento do material que vai servir de molde sobre o qual se passa, camada sobre camada, a diluída laca, quando atinge a espessura desejada, que pode chegar aos dois centímetros e com a laca já seca, retira-se o molde que serve de suporte, começando-se então a nela esculpir em relevo a figuração que se pretende. Pronto o trabalho é de novo polido.

Desde o século XVIII os objectos de laca de Fuzhou, conhecidos como “objectos de laca sem corpo”, espalharam-se por todo o país, sendo muito leves e resistentes. De Pequim, a esculpida laca cinábrio é famosa por toda a China. Usando-se o cobre como suporte preferencial, é ele coberto com oitenta, a cento e vinte camadas e após esculpidas as figuras, para terminar faz-se o polimento.

As peças lacadas têm um preço muito elevado já que o processo é demorado e exige grandes cuidados na secagem. Há no entanto outras técnicas que o simplificam substancialmente como, o de lacar com poucas camadas de uma cor e criar com outra o desenho. Também existe um processo que permite uma aparência da técnica de laca esculpida, mas sem as inúmeras camadas deste verniz já que, com uma base feita de um material barato, como a madeira, gesso ou barro, nela se faz a figuração e por fim, cobre-se com laca, ficando o produto final parecido ao trabalhado nas muitas camadas dessa resina.

Actualmente, na arte contemporânea fazem-se experiências com laca, mas que muito distam do brilhantismo alcançado por exemplo em 688, quando Wu Zetian ordenou a um oficial para fazer uma estátua com esse material cujo tamanho era tal que apenas no dedo mindinho se podiam colocar dez pessoas. ■



AS PEÇAS LACADAS TÊM UM PREÇO MUITO ELEVADO, JÁ QUE O PROCESSO É DEMORADO E EXIGE GRANDES CUIDADOS NA SECAGEM. PARA CADA PEÇA SÃO NECESSÁRIAS DE 30 A 100 OPERAÇÕES ATÉ FICAR PRONTA



Tradições

SÃO JOÃO BAPTISTA PADROEIRO DA CIDADE





T FERNANDO SALES LOPES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O DIA do Padroeiro de Macau, São João Baptista (24 de Junho), foi comemorado como Dia da Cidade, e oficialmente como tal assinalado, desde 1622 – quando foi instituído pelo Senado para lembrar a vitória sobre os holandeses – até 1999. Uma tradição macaense que perdurou por mais de três séculos

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

O Dia da Cidade foi instituído pelo Leal Senado em 1622, para que a partir daí fosse para sempre comemorado, como agradecimento ao santo pela vitória sobre os holandeses. Por esta vitória se ter concretizado no seu dia (24 de Junho), e ser tida como um milagre. Milagre porque, à época, Macau estava desprovido de gente, de organização de defesa não apenas humana, mas também pela ausência de muralhas e baluartes defensivos seguros e armados.

Os ataques que se vinham sucedendo desde o princípio do século, obrigaram a que começasse a ser construído um sistema defensivo, visto pela parte chinesa como uma maneira dos portugueses imporem o seu poder em Macau.

Assim, a invasão de 1622, que se iniciou no dia 22 de Junho com o desembarque de 800 soldados na praia de Cacilhas, veio encontrar Macau com cerca de 200 homens com alguma competência para pegar em armas, e três baterias – uma no sítio onde depois foi construído o Forte de Santiago da Barra, outra em S. Francisco, e a terceira no Bom Parto.

A cidadela do Monte tinha começado a ser construída em 1616, não estando concluída ainda, e a ermida da Guia não estava fortificada nem preparada para qualquer acto de defesa. Era este o panorama defensivo de uma Macau que

apenas poderia contar com actos de valentia, vantagens no conhecimento da terra, ou milagres!

O filme dos combates

A esquadra holandesa, comandada pelo almirante Reijerson, era composta por 15 navios, dois dos quais ingleses, e as forças de desembarque por 800 homens sendo 600 europeus e 200 japoneses, indianos e malaios, segundo descrições da época.

O comandante neerlandês escolheu o dia 24 para o desembarque mas, como manobra de diversão, no dia anterior destacou três navios para bombardearem ao longo da costa, na intenção de confundir a defesa quanto aos seus objectivos e intentos. Um dos navios bombardeou no dia 23 S. Francisco, que respondeu à altura, e outros dois navios continuaram a bombardear o forte logo pela manhã de 24. A guarnição defendeu-se bem, atacando quanto pôde e conseguindo inutilizar um dos navios atacantes – o Gallias – que viria, mais tarde, a afundar-se, na sequência da bombardeada o ter atingido por 25 ou 26 vezes.

O desembarque começou pelo lado da praia de Cacilhas a seguir ao nascer do sol. Para os receber estava António Rodrigues Cavalinho, emboscado num banco de areia,



com 60 portugueses e 90 filhos da terra. Há combates, o Almirante é ferido. António Rodrigues recua. Os holandeses sobem a Guia perseguindo os da terra. No meio da confusão da praia, vem resposta dos jesuítas do Monte que, lá do alto, disparam três bombardas para a frota inimiga.

Sorte? Talvez! O princípio do milagre! Uma das bombas cai no navio paiol, que se incendiou, ferindo e matando membros da guarnição. O feito ficou sendo atribuído ao padre italiano Rho, um jesuíta matemático que, sem ter tido tempo para fazer as contas, começou aí a resolver o grande problema que então se vivia.

A confusão que se seguiu entre as hostes holandesas – os da praia, os dos navios e os que por terra tentavam subir a Guia ou avançar sobre a cidade – e a força que a façanha de Rho deu aos de Macau, em cargas de fogo aqui e ali, resultou na retirada holandesa que deixava caída por terra, segundo cronistas da época, metade dos homens que havia desembarcado.

Muitas histórias se contam em redor deste feito, onde não faltam escravos da frota holandesa a perseguirem, despojarem e deceparem holandeses, ou gente do povo de Macau a ter papel relevante na luta, como uma “padeira de Aljubarrota” macaense que, com um espeto, dizem uns, ou uma alabarda, dizem outros, terá mandado para o outro mundo uma mão cheia de invasores.

Em 1871 foi inaugurado, no Jardim da Vitória, um monumento, que deixa marcado na pedra, para a posteridade, o feito heróico das gentes de Macau.

Macau depois da vitória sobre os holandeses

Milagre ou não, pois para além da coincidência do dia do padroeiro com a vitória, também se diz que o manto do Santo terá desviado os tiros inimigos salvando a cidade da invasão. A verdade é que o Senado, ao declarar que daí para a frente aquele seria o Dia da Cidade, estava, sem o saber certamente, a marcar o nascimento de uma nova Macau.

Depois da vitória sobre os holandeses Macau passou a ser visto com outros olhos por parte das autoridades chinesas. Assim, a cidade foi rodeada de muralhas, balizadas por seis baluartes guarnecidos com artilharia. Na verdade, as gentes de Macau ao defenderem o estabelecimento estavam a defender uma parte da China.



Um ano depois, em Junho de 1623, era nomeado o primeiro Governador de Macau, D. Francisco de Mascarenhas, demonstrando também uma maior preocupação da Coroa em relação a Macau. No entanto, o poder local continuou a residir nos homens-bons do Leal Senado que governavam a cidade com grande autonomia.

Comemorações da data: oficiais e populares

Dizem os escritos da época que os vencedores foram dar graças à Sé Catedral, onde o Senado e o povo prometeram que fosse feita uma comemoração idêntica na véspera da festa de S. João Baptista.

Ficou pois o Leal Senado obrigado a celebrar anualmente, nos dias 23 e 24 de Junho, a festa de São João Baptista em homenagem aos heróis de Macau, que defenderam a cidade do ataque estrangeiro.

Durante muitos anos realizou-se a procissão em honra do Padroeiro da Cidade, onde sobressaía a imagem de S. João Baptista que, em andor transportado por membros do Senado, saía da Sé e percorria as ruas do centro, acompanhada pelos fiéis, tendo por fundo a música da banda. Outro ponto alto da celebração religiosa era a chamada Missa da Vitória.

Parece ter-se mantido sem interrupções a tradição do culto a São João Baptista em Macau, mesmo quando, com vigor, se separavam as águas entre o que era secular e eclesiástico, quando as jovens repúblicas portuguesa e chinesa davam os primeiros passos.

As vicissitudes do tempo e o Padroeiro

O *Boletim do Governo Ecclesiástico da Diocese de Macau*, números 119 e 120 (Maio e Junho de 1913), nas páginas 168 e 169, referia-se à festa de S. João do seguinte modo: “A festa do Padroeiro da cidade, o glorioso Precursor, também não decahiu do seu tradicional esplendor, apesar das vicissitudes do tempo.

A procissão, que se faz na melhor ordem, em nada desmereceu, sob o ponto de vista religioso, das de outros anos, em que o elemento oficial lhe dava grande luzimento. A devoção dos macaenses para com o seu Santo Protector não diminuiu (...) Antes da procissão pregou o muito Revd. Chantre Moraes Sarmiento um bello sermão em que recordou as honrosas tradições d’esta terra, a que anda ligada a celebração d’ estes cultos em honra do Santo Precursor.”



O LEAL SENADO INSTITUIU OS DIAS 23 E 24 DE JUNHO PARA A CELEBRAÇÃO DA FESTA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, EM HOMENAGEM AOS HERÓIS DE MACAU, QUE DEFENDERAM A CIDADE DO ATAQUE DOS NAVIOS HOLANDESES

E as festas populares?

Certamente que se realizavam festejos populares para lá dos religiosos, já que, para além da comemoração da vitória sobre os holandeses, o S. João é um Santo Popular ligado à diversão e aos folguedos.

Terá sido assim? Leonel Barros (Jornal Tribuna de Macau, 21/6/2008) escrevia: “Depois do acto religioso, a música e o folheto dominavam o ambiente festivo, semelhante ao típico arraial português, que invadia vários pontos da cidade. Durante mais de três séculos, os festejos do Dia da Cidade foram celebrados com todo o esplendor. A cidade enchia-se de alegria e animação, com as comemorações a prolongarem-se até às primeiras horas da madrugada seguinte”.

Se terão sido assim as antigas comemorações ao Padroeiro não sabemos, mas existem referências mais próximas. Recordo-me das comemorações populares do São João de 23 para 24 de Junho em Coloane, na praia de Hác-sá, que se realizavam anualmente até princípios dos anos 90 do século passado.

Era festa rija à maneira portuguesa, à moda dos bairros populares embora com as adaptações que sempre têm as tradições que viajam pelo mundo. Arraial. Marchas populares e desfiles a cavalo. Tasquinhas de comes e bebes, onde não faltava a sardinha e o frango assados. Barracas de tirinhos e rifas, de lançamento de argolas não para os gargalos das garrafas, mas para os pescoços de patos! E, fogueiras, claro.

A organização era dos Reformados da PSP que mantinham no local um pequeno estabelecimento de comes e bebes durante todo o ano. A festa do S. João em Coloane – a única que conheci em todo o território de Macau – acabou quando, por razões que não me recordo, os reformados ficaram sem o espaço, e todo o Macau sem o tradicional arraial da festa do S. João.

Houve depois uma versão mais “sofisticada” da comemoração dos Santos Populares organizada pelo Turismo durante alguns anos, integrada no programa das comemorações em Macau do 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Realizava-se aproveitando os artistas que vinham de Portugal para as comemorações da data. Uma festa nas arcadas do Fórum Macau que juntava todos os santos populares. Já no final do século XX, a festa passou para o interior do Restaurante Lusitano no CAT. A ideia parecia ser a de preparar a continuidade dos festejos pelas mãos de um particular, contudo não surtiu efeito.

Mas a tradição do arraial em honra de S. João Baptista voltaria a Macau em 2007, por vontade de algumas associações de matriz portuguesa. Ainda não foi na rua mas sim na Escola Portuguesa. No ano seguinte, as comemorações assentam arraiais no tradicional e patrimonial Bairro de S. Lázaro. Tem sido a unidade entre a Casa de Portugal, a Associação dos Macaenses, a Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau, a Associação Promotora da Instrução dos Macaenses e o Instituto Internacional que tem permitido, desde então, a realização anual do Arraial de S. João Baptista, o Padroeiro da Cidade de Macau. ■



Retratos

F Locanda Films

O meu nome é Shen Haigou, tenho 58 anos e sou dono de uma banca de amendoins na Rua do Infante. O meu negócio, Si Heung, existe desde 1962.

Comecei a ajudar no negócio do amendoim quando era um miúdo. A banca só passou para as minhas mãos em 1977, mas já existe desde os anos 60. É um negócio de família e está nas minhas mãos há quase 40 anos. São 40 anos da minha vida aqui, nesta banca. Foi o meu pai quem começou com isto. A minha irmã mais velha ajudava-o e hoje eu tenho a minha filha a dar-me uma mão. Naquela altura, a minha irmã era uma menina, tinha sete ou oito anos. À medida que o nosso pai envelhecia, eu comecei a interessar-me mais pelo negócio, até que fiquei à frente de tudo. Não queria que esta banca desaparecesse com o meu pai; nem a banca nem a sabedoria do amendoim. O meu pai trabalhou duro a vida inteira para manter este negócio e eu decidi fazer o mesmo.

A maioria das pessoas neste negócio ficaram para trás desde que Macau intensificou as relações comerciais com a China. Muitas famílias mudaram de área, mas no meu caso não valia à pena deitar tudo ao ar. Os custos operacionais são mais elevados hoje em dia. Antes encontravas amendoins e fábricas para processá-los com muita facilidade, mas agora até o produto bruto de qualidade já é difícil de arranjar. O nosso lema sempre foi vender amendoins de qualidade e é por isso que temos muitos clientes leais. Foi assim que o meu pai me ensinou. A qualidade é o mais importante neste tipo de negócio. Os meus filhos não têm interesse pelo meu negócio. Não ajudam nem querem fazer disto o futuro deles. Por isso, a minha mulher, a minha irmã mais velha e eu mantemos o negócio enquanto podemos. Não haverá uma próxima geração. E eu entendo a opção dos mais novos. É um trabalho cansativo, não há feriados nem férias. Hoje em dia há muitas opções para se ganhar dinheiro, há mais diversidade de empregos. Eu até consigo viver deste meu negócio, mas não tenho a mesma liberdade que as outras pessoas têm. Não trabalho das 9h00 às 18h00; passo aqui os meus dias, são muitas horas. Muitas vezes fecho a loja só de noite, às tantas horas, especialmente naqueles dias em que tenho entregas para fazer. O fim do ano, por exemplo, é uma altura de muito negócio e eu não posso deixar o trabalho para o dia seguinte. Entendo que muitos jovens não queiram fazer isto. Mas isto é a minha vida; aquilo que tenho vem só deste meu trabalho.

**Este retrato é um dos episódios da série documental Os Resistentes: Retratos de Macau, da autoria do realizador António Caetano Faria.*



SHEN HAIGOU VENDEDOR DE AMENDOINS





Nos bastidores do grupo teatral Hiu Koc

T CATARINA DOMINGUES

Dois alunos do Colégio Mateus Ricci vieram quebrar um longo silêncio no panorama do teatro em Macau, quando fundaram a Associação de Representação Teatral Hiu Koc, em 1975. O grupo, que cresceu sem fundos, sem equipamento e sem palcos, ganhou voz na rádio e levou o nome de Macau ao mundo. Esta é uma visita guiada por 41 anos de história

É FIM de dia de terça-feira e são poucos os actores que já chegaram ao Laboratório Hiu Koc para mais uma noite de ensaios. Estamos no 12.º andar de um edifício industrial da Rua dos Pescadores, no norte da cidade. Cá dentro, as paredes estão pintadas a preto, também o tecto, os caixilhos das janelas, até as tomadas de electricidade. Trata-se de um teatro caixa-preta, um tipo de espaço cénico, de origem europeia, amplamente generalizado nas décadas de 1960 e 1970. Este conceito, associado ao teatro experimental, permite montagens simples, dispensa decorações.

Os actores que já aqui estão, três ou quatro, dividem-se entre tarefas ou aproveitam para fazer exercícios de aquecimento. Numa das extremidades deste espaço, encostada à janela, uma secretária antiga de madeira destoa no

HIU KOC FOI O ÚLTIMO PSEUDÓNIMO UTILIZADO POR LU XUN (1881-1936), PAI DA LITERATURA MODERNA CHINESA. HIU SIGNIFICA MADRUGADA; KOC É UM CORNETIM. O NOME REFERE-SE AO CORNETIM UTILIZADO PELO EXÉRCITO PARA CONVOCAR OS SOLDADOS LOGO PELA MANHÃ

espaço; alguém se senta ao computador num compasso de espera. Objectos, vários, estão espalhados pelo chão: uma longa faca de plástico, pares de chinelos alinhados a um canto. E as cortinas, negras também, separam um armazém improvisado. Pela janela, chega a luz quente de um dos apartamentos do outro lado da rua. Luzes brancas, frias, iluminam o espaço cá dentro.

Hoje o elenco da Associação de Representação Teatral Hiu Koc vai ter

uma aula de exercícios corporais de ópera chinesa. Prepara uma comédia inspirada na obra *Foragidos do Pântano*, do autor chinês Shi Nai'an (1296-1372).

Billy Hui, director artístico, puxa duas cadeiras. Sentamo-nos. Todos o tratam por *Big Bird* (Pássaro Grande) – o nome vem dos tempos do secundário. Billy Hui não sabe bem porquê, aceitou-o, ainda assim.

Não era um aluno qualquer do colégio católico Yuet Wah. “Era um menino gordo numa escola de rapazes, gozavam comigo, era terrível.” Billy Hui sorri sempre, dá gargalhadas. Nessa altura, no colégio, os rapazes cantavam e dançavam *rock'n'roll*, mas Billy Hui subia ao palco para dar vida à Bíblia. “Ninguém queria fazê-lo, todos diziam: o gordo faz.” Não gostava. Mas foi assim que se fez ao teatro, há 32 anos.

Romper o silêncio

Hiu Koc foi o último pseudónimo utilizado por Lu Xun (1881-1936), pai da literatura moderna chinesa. Hiu significa madrugada; koc é um cornetim. O nome refere-se ao cornetim utilizado pelo exército para convocar os soldados logo pela manhã.

A Associação de Representação Teatral Hiu Koc foi criada em 1975. “Em Macau, o

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Lawrence Lei, um dos fundadores da companhia teatral

BREVE CRONOLOGIA DO HIU KOC

1975

Lawrence Lei e Yu Meng Sang criam a Associação de Representação Teatral Hiu Koc

1983

Membros do Hiu Koc recebem formação no Teatro Experimental de Cascais, em Portugal

1983

A Rádio Macau começa a transmitir *Dramas Hiu Koc*, um programa de teatro radiofónico produzido ao longo de três anos

1986

O grupo apresenta em Cantão *Made in Macau*, com argumento de Lawrence Lei. Trata-se da primeira actuação fora de Macau. Participa pela primeira vez na competição anual de teatro de Hong Kong com a obra *Regresso dos Espíritos*, de Lawrence Lei

teatro vivia em silêncio, como um exército adormecido”, lembra Lawrence Lei que fundou o grupo juntamente com um colega do Colégio Mateus Ricci.

Inicialmente com sete membros, o Hiu Koc cresceu sem fundos, foi sobrevivendo das contribuições dos sócios e receitas de bilheteira. Sem experiência na área da representação, Lawrence Lei fez parte de um pequeno grupo enviado em 1983 pelo Governo de Macau para Portugal, onde ao longo de vários meses recebeu formação no Teatro Experimental de Cascais.

É por esta altura que a associação começa a ganhar dimensão e visibilidade. Chegava a casa da população através do canal chinês da Rádio Macau. *Dramas Hiu Koc*, um programa de teatro radiofónico, foi transmitido entre 1983 e 1986, num total de 1200 episódios. “Era daqui que chegava o grosso dos nossos rendimentos”, nota Lawrence Lei. “O equipamento não era o que é hoje e bastava um pequeno erro para termos de repetir tudo desde o início. Podíamos levar uma noite só a gravar um pequeno texto”, recorda.

Mas quando a emissora local decidiu terminar a colaboração, o Hiu Koc passou por um dos momentos mais difíceis da sua trajectória. Recusou-se a fechar as portas, procurou soluções: chegou a organizar festas de música ao vivo e a vender nos intervalos dos espectáculos de teatro *faichis* (pauzinhos chineses de bambu), que comprava a preços baixos num mercado local e embalava com fitas coloridas. Em palco, era tudo feito manualmente. Criaram-se técnicas para superar a tecnologia em falta: dos bastidores atirava-se água para simular dias



GONCALO LOBO PINHEIRO

Billy Hui, director artístico

SE HÁ 41 ANOS, O PEQUENO CORPO DE ACTORES LOCAIS NÃO TINHA FORMAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DO TEATRO, HOJE “PELO MENOS 20 PESSOAS DE MACAU VÃO ESTUDAR ANUALMENTE PARA TAIWAN, INTERIOR DA CHINA, SINGAPURA OU INGLATERRA”, DIZ BILLY HUI, DIRECTOR ARTÍSTICO

de chuva, reproduzia-se o som de um trovão, ou de um dia fresco de Outono. “E era tudo tão real.”

Lawrence Lei iniciou-se também na escrita de guiões. A Macau faltavam

livrarias, faltavam livros, guionistas, obras para adaptar. A família e as questões sociais são hoje ainda temas centrais do repertório da companhia. “Uma das características que nos distingue enquanto grupo de teatro é o trabalho criativo”, diz Billy Hui, referindo que cerca de 80 por cento das peças em cena são trabalhos originais.

Projectar Macau lá fora

Se na década de 1970, o Hiu Koc queria “acordar Macau”, o passo seguinte passava por “levar o teatro local além-fronteiras”, explica Lawrence Lei. Em 1986, a associação foi o único grupo a representar Macau numa competição anual de teatro organizada pelo governo de Hong Kong. Entre as mais de 100 companhias presentes nessa edição, esta foi também a única de fora a pisar os palcos do City Hall, “na altura o mais grandioso, belo e importante dos teatros de Hong Kong”.

1988

Participa no 1.º Festival de Artes de Macau com *Equus*, de Peter Shaffer

1999

Apresenta *Inferno*, de Lawrence Lei, em Lisboa e Coimbra

1998

A companhia adquire o Laboratório Hiu Koc na Areia Preta

2007

Introdução do “Ciclo para Novos Encenadores” com o objectivo de formar novos profissionais na área

2015

Participa em colaboração com o grupo ArtFusion na Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa com a peça *A Cegueira I*





O Hiu Koc estreou-se com um argumento de Lawrence Lei. *Retorno dos Espíritos* conta a história de um grupo de mulheres que espera diariamente à beira-mar o regresso dos homens da guerra. Estes voltam a aparecer, mas em forma de espíritos. A actuação valeu ao grupo um lugar entre os 15 finalistas e o prémio para “melhor actor”.

“Num debate entre o júri e o público, lembro-me de alguém perguntar por que razão o prémio principal não tinha sido atribuído ao nosso grupo e, para nós, isso foi o suficiente, porque sentimos que o público estava do nosso lado”, relembra Lei.

O Hiu Koc regressou aos palcos do City Hall até 1996, trazendo para Macau distinções nas mais diferentes categorias. “Depois deixou de ser um desafio”, diz o responsável. Seguiu-se o Interior da China, Taiwan, Singapura, Portugal.

Foi pouco antes da transferência de administração que alguns dos membros da associação se juntaram para comprar o Laboratório Hiu Koc. O espaço, com 180 metros quadrados, seria o primeiro teatro de pequenas dimensões a ser gerido por uma instituição não-governamental em Macau. A cidade crescia, o Hiu Koc queria acompanhar o passo.

Profissionalização do sector

“Antes da transferência de administração havia um maior entendimento sobre o que nós fazíamos, porque o teatro tinha um peso grande em Portugal”, observa o director artístico

PARA O FUTURO, O HIU KOC ESPERA AINDA ESTABELEECER UMA RELAÇÃO MAIS PRÓXIMA COM AS VÁRIAS COMUNIDADES A VIVER EM MACAU E ESTÁ A ESTUDAR A LEGENDAGEM DAS PEÇAS EM CENA PARA INGLÊS

“EM MACAU, O TEATRO VIVIA EM SILÊNCIO, COMO UM EXÉRCITO ADORMECIDO”

**LAWRENCE LEI,
FUNDADOR DO HIU KOC**

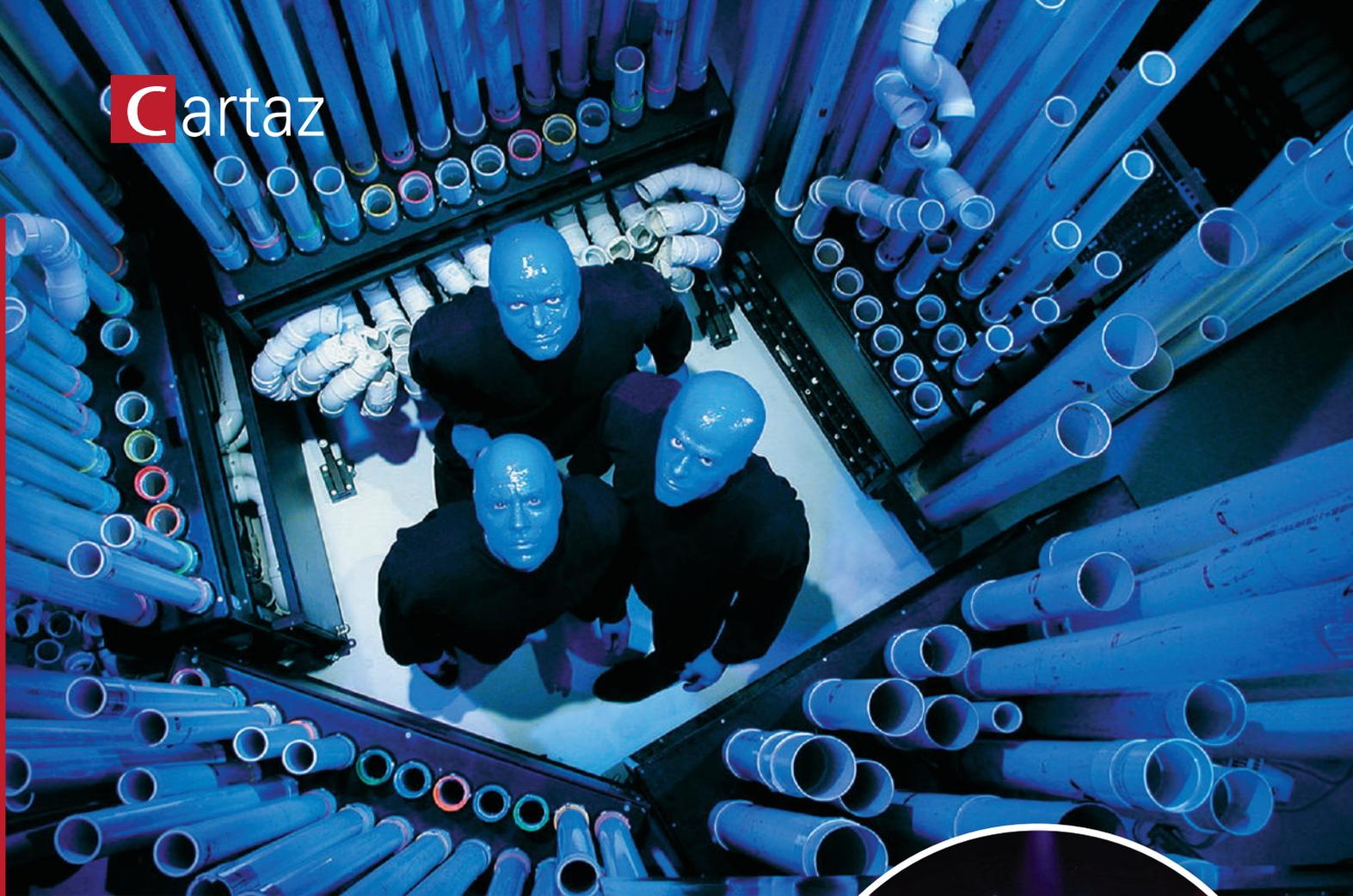
do Hiu Koc, Billy Hui, admitindo, porém, que foi depois da transição que o apoio das autoridades aumentou.

Com a subida do preço do imobiliário, os palcos de Macau tornaram-se num bem raro e a associação começou a arrendar as instalações e outros grupos de teatro locais e estrangeiros para ensaios e espectáculos. Perto do Mercado Vermelho nasceu ainda a segunda casa do Hiu Koc. Com o arrendamento deste espaço, a companhia tinha como objectivo principal abrir um novo centro de arte. “Por falta de tempo não tem sido muito bem-sucedido”, lamenta Billy Hui.

Para o futuro, o Hiu Koc espera ainda estabelecer uma relação mais próxima com as várias comunidades a viver em Macau e está a estudar a legendagem das peças em cena para inglês. O grupo quer também reforçar a colaboração com a vizinha Zhuhai e todo o universo da China que fala cantonês. A aposta na formação de actores e encenadores, diz a associação, é para continuar. Se há 41 anos, o pequeno corpo de actores locais não tinha formação superior na área do teatro, hoje “pelo menos 20 pessoas de Macau vão estudar anualmente para Taiwan, Interior da China, Singapura ou Inglaterra”, diz o director artístico.

No entanto, ainda são poucos aqueles que fazem dos palcos uma vida. Dos 12 elementos que compõem o elenco da peça que o Hiu Koc está a preparar, apenas três trabalham na área do teatro a tempo inteiro. “Mas nunca morremos”, diz Billy Hui.

Entretanto já passam das oito da noite, daqui a nada começa mais um ensaio. ■



AZUIS, CALVOS E HERÓIS

O grupo norte-americano Blue Man Group vai estar em Macau para um espectáculo que combina música, comédia, ciência e tecnologia

Chris Wink, Phil Stanton e Matt Goldman não são apenas amigos de longa data. São músicos, comediantes, educadores, empresários e co-fundadores da companhia de artes performativas Blue Man Group, criada há mais de 20 anos em Manhattan, Nova Iorque. O grupo, que está em digressão mundial, vai subir ao palco do Teatro do Venetian entre 11 e 28 de Agosto para apresentar o espectáculo *Blue Man Group*, que alia diversas áreas, desde a música à dança, passando pela comédia, tecnologia e ciência. “Nascido da vontade criativa de

explorar e celebrar a humanidade, o espectáculo é uma combinação de ciência, comédia, música e vibrantes efeitos visuais”, lê-se na página do Venetian Macau. “Oferece ao público uma experiência audiovisual verdadeiramente envolvente, que se completa com música electrizante, tecnologia sensacional, um apaixonante grupo de música ao vivo e uma assinatura interactiva e experiências com o público.” A história deste fenómeno internacional remonta à década de



80 do século passado, quando Wink, Stanton e Goldman decidiram criar um espectáculo inovador baseado numa única personagem – o homem azul –, um herói, mas ao mesmo tempo um homem comum, com quem o público se pudesse identificar facilmente. *Funeral dos anos 80*, a primeira

aparição em público, chegou ao Central Park em 1988. Este manifesto, transmitido pelo canal MTV, pretendia questionar a crescente mentalidade individualista e incentivar o espírito colectivo.

O trio continuou a fazer história depois de conhecer Meryl Vladimer, então director artístico do grupo de teatro experimental La MaMa. Impressionado com a actuação dos três artistas, Vladimer encomendou um espectáculo completo ao grupo. Foi assim que nasceu em 1991 *Tubes*, um trabalho que pôs em palco três homens vestidos de negro, de cabeças calvas e pintadas de azul, e que conquistou de imediato a opinião da crítica.

Em 1993, o grupo fundou a Blue Man Productions, dando início à contratação de actores para encarnar o “homem azul” e criando também um método de ensino para isso. Esse movimento trouxe uma nova dimensão ao grupo, que continuou a apresentar-se em vários locais ao mesmo tempo.

Do coração de Nova Iorque para o mundo, o Blue Man Group percorreu nos últimos 25 anos mais de 15 países e foi visto por cerca de 35 milhões de espectadores. Além da produção de cinco álbuns, esta inovadora companhia norte-americana participou na banda sonora de vários filmes, foi cara de diversas campanhas publicitárias de marcas internacionais e convidada de programas de televisão como o *The Tonight Show*, *Arrested Development* e *Ellen*. O espectáculo que traz agora à RAEM é “perfeito para todas as idades, línguas e culturas”, escreve o Venetian Macau. “Oferece a todos a liberdade de se reconectarem com a sua criança interior. É uma boa oportunidade para as famílias partilharem a felicidade e aproveitarem o momento”.

TEATRO DO VENETIAN
DE 11 A 28 DE AGOSTO DE 2016
BILHETES A MOP 380, 680, 880



MÚSICA

A-LIN SONAR WORLD TOUR 2016

A cantora taiwanesa Huang Li-ling, mais conhecida por A-Lin, vai estar em Macau para um concerto na Arena do Venetian. A artista, que já actuou em Macau em 2012, traz o espectáculo da digressão “A-Lin Sonar World Tour 2016”. A-Lin tem 32 anos e lançou o primeiro álbum em 2006, sendo considerada uma das estrelas do Mandopop.

Arena do Venetian
6 DE AGOSTO DE 2016

Bilhetes a partir de MOP 280

GATO E RATO

O concerto da Banda Sinfónica Juvenil de Macau apresenta músicas dos filmes de animação do japonês Hayao Miyazaki e dos cartoons da Walt Disney, nomeadamente, *O meu Vizinho Totoro*, *A Viagem de Chihiro*, *A Bela e o Monstro* e *O Reino do Gelo*.

CENTRO CULTURAL DE MACAU

24 DE AGOSTO DE 2016

Bilhetes a MOP 100

TEATRO

CONTO DE FADAS

Durante um passeio de família, a pequena Haru encontra um grupo de duendes numa floresta. Promotores imobiliários chegam ao local com novos projectos para a área. Com a ajuda dos pais, Haru vai tentar proteger a floresta, de modo a salvar a vida dos duendes. Conto de fadas é uma obra do grupo de teatro Big Mouse Kids Drama Group, co-organizado pelo Grupo de Teatro Bolha.

TEATRO CAIXA PRETA DO EDIFÍCIO DO ANTIGO TRIBUNAL

11 A 14 DE AGOSTO DE 2016

Bilhetes a MOP 130



OUTRAS ACTIVIDADES

InspirARTE no Verão

O CCM organiza até finais de Agosto espectáculos e workshops para crianças no domínio das artes performativas. Artistas de todo o mundo trazem à cidade uma série de actividades criativas e jogos, da acrobacia e marionetas aos palhaços e à dança. Dos workshops aos espectáculos e aos jogos, grandes e pequenos vão juntos à descoberta das artes com animais da floresta.

CENTRO CULTURAL DE MACAU

ATÉ 28 DE AGOSTO DE 2016

Bilhetes até MOP 180



O ARTISTA QUE VENDEU UMA PINTURA DE MACAU AO REI DE FRANÇA

O pintor Auguste Borget viajou pela China, passou oito meses em Macau e vendeu um quadro onde retrata o Templo de A-Má ao rei francês Luís Filipe I. A exposição *Auguste Borget: Um Pintor Viajante pela Costa Sul da China* testemunha essa passagem pela cidade

O Templo de A-Má foi um dos lugares retratados pelo pintor francês Auguste Borget durante a viagem que fez à China entre 1838 e 1839. Da vasta colecção de obras do pintor, destaque para “Vista do grande templo chinês em Macau”, apresentado em 1841 no Salão de Paris, e adquirido pelo rei francês Luís Filipe I. A Macau do artista francês pode

agora ser revisitada na exposição *Auguste Borget: Um Pintor Viajante pela Costa Sul da China*, uma iniciativa integrada no festival Le French May, e que tem organização do Museu de Arte de Macau/ Instituto Cultural, em colaboração com o Consulado-Geral de França em Hong Kong e Macau e a Alliance Française de Macau.

Mais de 120 peças, incluindo esboços, desenhos, aguarelas, pinturas a óleo, gravuras e livros antigos, documentam o dia-a-dia dos locais que visitou. São obras provenientes de colecções privadas e de museus franceses, britânicos, de Hong Kong e de Macau. “Através da perspectiva objectiva, mas ainda assim delicada, e do estilo



conciso do desenho nos trabalhos documentários de Borget, os visitantes podem captar a atmosfera de Macau dessa época, sentir a beleza da arte e da cultura, e testemunhar o intercâmbio cultural entre a China e a França”, lê-se na página electrónica do Museu de Arte de Macau.

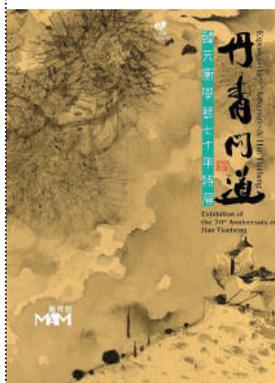
Auguste Borget nasceu em 1808 em Issoudun, no centro de França. Em Outubro de 1836 iniciou uma viagem de quatro anos, passando por vários destinos, desde o continente americano ao Sudeste Asiático. Na passagem pela China, foi em Macau que o pintor permaneceu mais tempo. Em Agosto de 1840, Borget regressou a casa com uma colecção de desenhos criados durante essa longa viagem. O artista publicou então o catálogo *La Chine et les Chinois* (A China e os Chineses), com descrições, ilustrações e litografias, e *Fragments d'un Voyage Autour du Monde* (Fragmentos de uma Viagem à Volta do Mundo), onde incluiu desenhos e registos escritos. Os trabalhos do artista foram utilizados, além disso, como ilustrações na obra *La Chine Ouverte: Aventures d'un Fan-Kouei dans le Pays de Tsin* (China Aberta: Aventuras de um estrangeiro na terra dos Qing) do escritor, jornalista e crítico literário Old Nick, pseudónimo de Paul-Émile Daurand-Forgues.

“Como pintor e viajante, Borget contribuiu para o intercâmbio cultural com a sua prolixa quantidade de registos escritos e ilustrativos, documentos notáveis numa época anterior às câmaras fotográficas”, escreve ainda o Museu de Arte de Macau na apresentação da exposição, acrescentando que a obra de Borget é “uma parte assinalável do rico legado do intercâmbio cultural sino-ocidental” e oferece “uma representação única do Delta do Rio das Pérolas em meados do século XIX, e um vislumbre da sua cultura e costumes tradicionais”.

MUSEU DE ARTE DE MACAU

ATÉ 9 DE OUTUBRO DE 2016

Bilhetes MOP 5



Nova Linguagem Pictórica

A artista plástica Natália Gromicho esteve em Macau para produzir mais de uma dezena de quadros de grande dimensão em ateliê aberto ao público. As obras são inspiradas em Macau e foram produzidas durante uma residência artística na Fundação Oriente.

ATÉ 21 DE AGOSTO

CASA GARDEN, FUNDAÇÃO ORIENTE

Entrada livre

Rostos de uma Cidade: 2 Gerações, 4 Artistas na Colecção do MAM

A mostra revela o retrato de uma cidade no tempo, pondo em diálogo duas gerações de fotógrafos. Pode ver cerca de 50 imagens dos fotógrafos seniores Lei lok Tin, Ou Ping e dos jovens Wong Chon Kit e Rusty Fox.

ATÉ 23 DE OUTUBRO

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre

70.º aniversário de Han Tianheng

Han Tianheng nasceu em Xangai em 1940 e é um premiado artista contemporâneo chinês que trabalha na área da pintura, caligrafia e gravação de carimbos. Algumas das peças apresentadas nunca estiveram em exposição. Entre os 188 trabalhos, pode ver também objectos clássicos de pintura, escarradeiras, apoios para os braços na caligrafia, pesos de papel, que fazem parte da colecção particular de Hang Tianheng intitulada *Sofisticação nos traços, felicidade na vida*.

ATÉ 7 DE AGOSTO

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Bilhetes MOP 5

O Fascinante Barco Vermelho: Um episódio na cultura da ópera cantonesa

O título da exposição *Barco Vermelho* remete para a origem da ópera cantonesa, referindo-se aos barcos pintados a vermelho onde eram transportados os membros das companhias de ópera cantonesa. Em exposição estão 100 artefactos representativos da ópera cantonesa e textos informativos, fotografias e artigos.

ATÉ 9 DE OUTUBRO

MUSEU DE MACAU

Bilhetes MOP 15

Figures in Motion

Uma colecção de 74 peças de bronze do pintor e escultor francês Edgar Degas está em exposição no MGM Art Space até finais de Novembro. *Figures in Motion*, inserida no festival Le French May, inclui “Little Dancer Aged Fourteen”, uma das mais famosas criações do artista.

ATÉ 20 DE NOVEMBRO

MGM ART SPACE

Entrada livre

URBANISMO EM DIÁLOGO

Na obra *Macau Sessions: Dialogues on Architecture and Society*, o arquitecto português Tiago Saldanha Quadros entrevista nove especialistas de diferentes origens que investigam temas ligados à arquitectura e ao urbanismo de Macau

T SOFIA JESUS

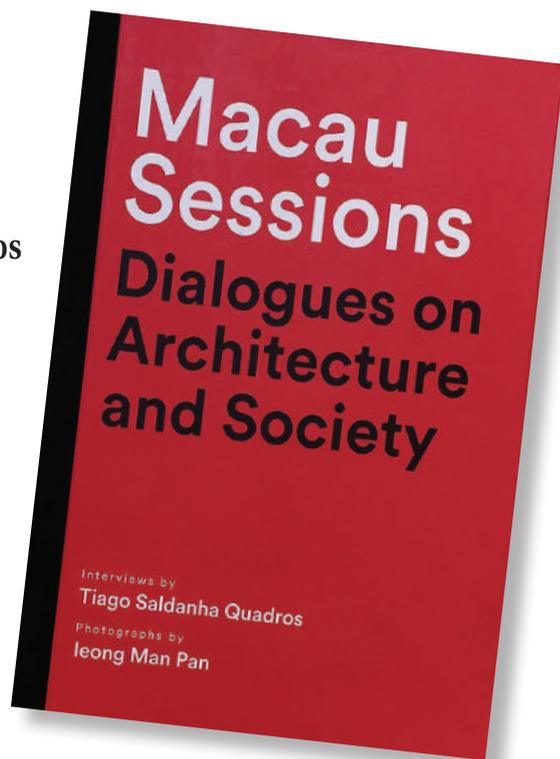
São nove conversas onde se folheiam olhares diversos sobre a arquitectura e o urbanismo de Macau. As entrevistas, reunidas em livro, foram conduzidas pelo arquitecto português Tiago Saldanha Quadros junto de especialistas de vários pontos do globo.

A ideia que deu origem à publicação de *Macau Sessions: Dialogues on Architecture and Society* surgiu em 2013, quando o autor e a organização BABEL – responsável pela edição da obra – constataram que muito do conhecimento teórico produzido sobre diversos temas ligados à arquitectura e ao urbanismo de Macau se encontrava “extremamente difundido em comunicações e em universidades” fora da região, sendo, por vezes, “muito difícil encontrar esses trabalhos”.

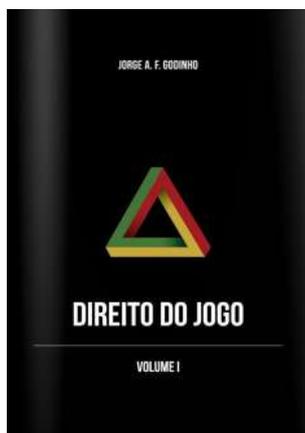
Se de início o objectivo era compilar alguns desses textos num único livro, a ideia acabou por evoluir para uma obra onde se publica um conjunto de nove diálogos com investigadores. Uma ideia inspirada no projecto *Interviews*, do curador de arte suíço Hans-Ulrich Obrist, conta o autor à MACAU.

“Achámos que o formato da entrevista era o ideal, porque [...] permitia que o entrevistador [Tiago Saldanha Quadros] procurasse fazer referências a textos já publicados, mas ao mesmo tempo que o entrevistado pudesse referir-se a esses mesmos temas, não de um modo retrospectivo, olhando para o passado, mas mais prospectivo, olhando também para o futuro”, explica o arquitecto.

Entre as diversas abordagens presentes na obra estão, segundo Tiago Saldanha Quadros, a que se refere à relação de Macau com Zhuhai – uma reflexão de Werner Breitung –, a importância da preservação do património – por Wang Weijen – ou ainda as relações “absolutamente incríveis e muito originais” que Jorge Figueira estabelece entre o trabalho desenvolvido pelo arquitecto Manuel

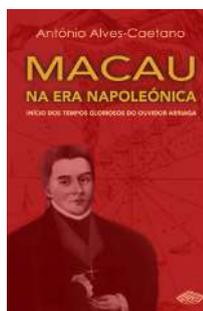


PARA LER



Direito do Jogo
Jorge Godinho
CRED-DM, Fundação Rui Cunha, 2016

Primeiro de três volumes dedicados ao direito do jogo. Esta primeira obra serve como parte introdutória e recupera episódios relativos à história e percurso da principal indústria de Macau.



Macau na Era Napoleónica
António Alves-Caetano
Labirinto de Letras, 2016

“A população portuguesa de Macau corre o risco de expulsão se se confirmar a sua convívência com as forças armadas inglesas na invasão de 1808. A natureza violenta da revolução de 1820, com ataques ferozes a Miguel de Arriaga, determinaram a sua prisão o que lhe destruiu a saúde e contribui para que falecesse precocemente, com apenas 48 anos”, resume a editora Labirinto das Letras na apresentação do

livro. Natural de Lisboa, António Alves-Caetano foi consultor da então Autoridade Monetária e Cambial de Macau e presidente da Companhia de Seguros Fidelidade e da Companhia de Seguros de Macau.



Vicente e “a forma como as grandes companhias americanas estão a construir os novos casinos” na cidade. O autor espera que o livro funcione como “um ponto de partida para outros projectos”, a realizar por outros indivíduos ou entidades, para além da BABEL. “Se eu pudesse lançar publicamente um convite a todos os jovens investigadores – e menos jovens – de todo o mundo, eu diria para

olharem para Macau, porque Macau já é e vai ser cada vez mais um caso de estudo absolutamente importante e essencial”, defendeu, sublinhando a importância de se desenvolverem trabalhos de investigação sobre a arquitectura e o urbanismo na RAEM. Publicado em língua inglesa, o *Macau Sessions: Dialogues on Architecture and Society* reúne entrevistas a Hendrik Tieben, Thomas Daniell,

Mário Duque, Wang Weijen, Diogo Burnay, Jianfei Zhu, Jorge Figueira, Werner Breitung e Pedro Campos Costa. A obra conta ainda com fotografias de Ieong Man Pan.

MACAU SESSIONS: DIALOGUES ON ARCHITECTURE AND SOCIETY
TIAGO SALDANHA QUADROS,
COM FOTOS DE IEONG MAN PAN
BABEL, 2015



Antologia de Du Fu
Du Fu, com tradução
de António Graça de Abreu
Instituto Cultural, 2016

Com o objectivo de promover o intercâmbio literário chinês e português, o Instituto Cultural lançou a primeira edição bilingue, em chinês e português, da *Antologia de Du Fu*, integrada na colecção “Escritores

Chineses e Lusófonos”. A obra inclui 180 poemas do poeta chinês da dinastia Tang, traduzidos por António Graça de Abreu, professor de Sinologia na Universidade de Aveiro de Portugal, constituindo a primeira grande antologia de Du Fu em língua portuguesa.



Macau e os Territórios Lusófonos:
Colecção Iconográfica Única
de Postais Fotográficos
João Manuel Loureiro
Instituto Cultural, 2016

A obra resulta da colecção de postais fotográficos de países e regiões de língua portuguesa, incluindo Macau, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e a

antiga Índia portuguesa. Esta colecção, propriedade de João Manuel Loureiro, e adquirida recentemente pelo Arquivo de Macau, conta com mais de dez mil postais fotográficos entre 1898 e 1999, com os mais diversos temas: geografia, economia, comércio, costumes culturais, religião e edifícios da cidade.



PRAIA DO BOM PARTO *Anos 1940*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

“**PARECE INVEROSÍMIL** hoje, mas a península de Macau encontrava-se orlada de praias, umas dignas do nome, outras minúsculas.” Em *Mong-Há: Contos de Macau*, obra publicada em 1998, o escritor macaense Henrique de Senna Fernandes recorda uma série de praias que cercavam a cidade até há poucas décadas. “Passada a Praia Grande, já para os lados da mole da Penha, surgia a Praia do Bom Parto”, escreve o autor.

A Praia do Bom Parto, juntamente com a Praia Grande, foi fonte de inspiração de vários poetas.

Duas décadas antes desta fotografia ser tirada, havia ainda uma fiada de enormes rochedos a separar a Praia Grande da Praia do Bom Parto. Em 1924, o governo de então dinamitou a secção situada perto da antiga Povoação do Chunambeiro, no sopé da Colina da Penha, para abrir um caminho entre as duas baías. Após as explosões, surgiu uma fonte de água das fissuras dos rochedos. Nesse tempo, o poeta Wang Zhaoyong, que residia nas imediações da Rua de São Lourenço, ia buscar água com frequência a essa fonte. Baptizou-a de “Fonte das Virtudes”.

Eram vários os poetas que frequentavam estas duas baías. As obras de Xian Yuqing (1895–1965), *Captando o Calor do Sol de Inverno no Jardim da Praia Grande* e *Mirando o Horizonte na Praia do Bom Parto ao Nascer do Sol* foram escritas já depois de construída a Avenida da República, que começa junto

à Rua do Bom Parto e termina na Rua de São Tiago da Barra. Com este troço, terminado em Dezembro de 1910, dois meses após a implantação da República em Portugal, ficou feita a ligação do Porto Exterior ao Porto Interior.

Na imagem, pode ver-se o então Hotel Bela Vista, debruçado sobre o Bom Parto e a Baía de Bom Pastor, que terá sido construído em 1870 como residência da família Remédios. Passou a ser um hotel apenas em 1936 e serve hoje de residência ao Cônsul-Geral de Portugal na RAEM.

Nesse local foi edificada ainda antes de 1622 a Fortaleza de Nossa Senhora do Bom Parto. Em conjunto com a Fortaleza de São Tiago da Barra formava o eixo de defesa do Porto Interior e com a Fortaleza de São Francisco e a desaparecida Fortaleza da Praia Grande apoiava a defesa da costa sul de Macau.

Ao alto do monte, encontra-se a Capela de Nossa Senhora da Penha, também conhecida como Ermida de Nossa Senhora da Penha e como Capela de Nossa Senhora do Bom Parto. Foi construída em 1622, ano da invasão holandesa. Antigamente, a capela servia como local de peregrinação a marinheiros católicos que embarcavam em viagens consideradas perigosas.

A capela foi completamente reconstruída em 1837, continuando a manter a sua traçada simples. Em 1892, foram feitas obras de ampliação e, em 1935, o Bispo D. José da Costa Nunes completou a reedificação da capela, inaugurando a torre sineira. No adro da capela foi erguida uma estátua em mármore da Nossa Senhora do Bom Parto.



MACAU 2015 LIVRO DO ANO

Seja bem-vindo à consulta do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos, através da seguinte página electrónica, ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:

<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO**, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO** regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

O **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO** pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhado da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e

no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong. Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e tendo em consideração a protecção ambiental, a partir de 2016, o Macau - Livro do Ano, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixarão de se publicar em suporte papel. Entretanto, concentrar-nos-emos no melhoramento de versão digital e aumentaremos informações, fotografias e até vídeos, satisfazendo, assim, as necessidades dos leitores.

Coleccione Selos de Macau 澳門郵票 收藏 Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios